

---

# Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares\*

MANUELA ALMEIDA FERREIRA

## R E S U M O

O espólio vítreo exumado da estação arqueológica de Sta. Clara-a-Velha (Coimbra) compreende essencialmente a vidraria utilizada, entre o final do século XVI e cerca de 1677 por monjas da Ordem Mendicante das Clarissas. Várias tradições da Renascença e do Barroco inicial são documentadas por este espólio vítreo, desde o vidro filigranado veneziano, o vidro *façon de Venise* e vasos incolores decorados por gravura a ponta de diamante, até a formas e decorações inspiradas pelo vidro da Catalunha e do Islão, bem como alguns padrões da Europa setentrional, e algumas formas de índole barroca. A autora avança, ainda, a origem provável de algum deste espólio vítreo. Certos espécimes são importações, mas um certo número de peças pode ter sido produzido localmente no Covo (Oliveira de Azeméis), localidade onde a produção de vidro remonta, pelo menos, ao final do século XV.

## A B S T R A C T

The glass finds excavated from the site of the Monastery of Sta. Clara-a-Velha (Coimbra) consists mainly of the glassware used by the religious female members of the mendicant Order of Poor Clares between the end of the 16<sup>th</sup> century and about 1677. Several different Renaissance and proto-Baroque glass traditions are documented by these glass finds, from Venise filigree products, *façon de Venise* decoration and diamond engraved colourless vases, to Catalanian and Islamic inspired forms and decoration, as well as a few Northern Europe patterns and some Baroque alike forms. Moreover, the author puts forward the probable origin of some of these glass finds. Some were imported, whereas others could well have been produced locally, at Covo (Oliveira de Azeméis), where the production of glass *itens* goes back to the end of the 15<sup>th</sup> century at least.

## Preâmbulo

Foi em 1314 que, na margem esquerda do Mondego, Dona Mor Dias estabeleceu a primeira sede da Ordem das Clarissas. Para esta ordem, na qual viria a professar, uma vez viúva, que D. Isabel de Aragão, consorte do rei D. Dinis, mandaria erigir, em 1314, o mosteiro gótico que hoje ali existe. Acoissadas pelas cheias do Mondego a partir do século XVI — lembremos que este rio foi navegável até ao reinado de D. João III —, a comunidade de Clarissas havia de, em 1677, abandonar definitivamente o local da primeira morada da ordem às águas do rio.

Desde 1995 até ao presente, este monumento nacional vem sendo alvo de acções de recuperação e requalificação por parte do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico), as quais determinaram a realização de escavações arqueológicas. Coordenados pelo Dr. Artur Côrte-Real, estes trabalhos de campo revelaram diverso e rico espólio de natureza vária.

A investigação subjacente a este artigo constitui o pré-requisito mínimo indispensável ao equacionamento dos múltiplos aspectos do quotidiano das Clarissas que relevam de uma primeira tomada de conhecimento do espólio vítreo exumado durante as mesmas escavações.

Segundo Reynaldo dos Santos, as características do excepcional conjunto de estátuas em calcário do coro da Igreja do Convento de Arouca, representando freiras clarissas, «deixam entrever sobre esta pequena corte de aristocratas um ligeiro frêmito de *coquetterie*.» (Santos, 1970, p. 354).

Igualmente Clarissas e aristocratas, e portanto mais propensas ao gosto por certos requintes mundanos, ainda que fruídos no interior do mosteiro, do que especialmente inclinadas à simplicidade e à pobreza evangélicas, eram as freiras que professaram e residiram no Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra na centúria que precedeu o seu abandono definitivo. Sobretudo se tivermos em mente que, no tempo da mais intensa predicação post-tridentina, luxo e exaltação de Deus não eram de modo algum incompatíveis. Por conseguinte, tal como é de excepção o património artístico móvel do Convento de Arouca dos séculos XVII e XVIII (Dias, 2000, p. 47-71), excelsa se tem revelado aquela parcela do património móvel de Sta. Clara-a-Velha cujo estudo nos foi confiado: a vidraria.

Múltiplas tradições e tendências estilísticas são observáveis nos muitos vasos cujas tipologia e decoração são bem conhecidas. Vejamos de que forma.

## Caracterização geral do espólio

Proveniente, como o material cerâmico, de um fino estrato de terra lodosa negra que percorre no sentido Noroeste - Sudeste toda a área das quadrículas definidas pelos arqueólogos que acompanharam as obras de engenharia realizadas entre 1996 e 2002, a quase totalidade do espólio vítreo recuperado é datável dos finais do século XVI e do século XVII, embora haja registo de algumas peças dos três séculos posteriores a este.

Foi examinada, até à data, a maioria dos exemplares fragmentados oriundos dos sectores A1 e A'1, B'1, B'2, B'3 e B'5, C'1, C'3 e C'5, amostragens dos espécimes exumados de quadrículas dos sectores D'1, D'5, D'7, D'9 e D'11, E'5 e E'7, G'3, G'5 e G'9, H'3, o espólio das salas A, B, C, D (Capítulo) e E, situadas no extremo Sudeste do claustro (Fig. 1) e, ainda, as peças encontradas intactas, ou quase, qualquer que tenha sido a sua proveniência.

O sector em que se insere o lavabo foi alvo de uma escavação particularmente aturada, pelo que, numa primeira abordagem, se privilegiou a sua observação exaustiva.<sup>1</sup>



Fig. 1 Proveniência da vidraria (planta legendada).

Quadro 1. Tipos de vidro e técnicas decorativas representadas.	
Fios e cordões aplicados em relevo, da mesma cor que o fundo	muito frequente
Fios azuis ou violáceos aplicados em relevo, sobre fundo de cor diferente	pouco frequente
Pasta de vidro aplicada sobre fundo transparente azul	pouco frequente
Pingos repuxados com a pinça de vidreiro	raros
Vidro filigranado	raro
<i>Mezza filigrana</i>	pouco frequente
<i>Latticinio</i>	frequente
Protuberâncias aplicadas em relevo	raras
Caneluras verticais e oblíquas obtidas por sopragem em moldes	quase constantes
Padrões geométricos impressos por sopragem em moldes	muito frequente
Padrões fitomórficos impressos por sopragem em moldes	frequentes
Vidro esmerilado e pintado ou canelado	pouco frequente
Pintura policroma e/ou a ouro sobre fundo de cor diferente	frequente
Vidro gravado a ponta de diamante	raro
Vidro gravado à roda	raro
Vidro lapidado	raro
Vidro opaco vermelho, decorado ou sem decoração	raro
Vidro opaco negro, decorado ou sem decoração	raro
Imitação de <i>millefiori</i>	pouco frequente
Porcelana de vidro, sem decoração ou pintada a azul e/ou vermelho e ouro	pouco frequente
Asas plissadas e <i>cresterías</i> trabalhadas com a pinça de vidreiro	pouco frequentes

Sendo intenção caracterizar globalmente o espólio, mas igualmente fornecer um instrumento susceptível de auxiliar a leitura de qualquer outro espólio vítreo cujas composição e natureza sejam identicamente ricas, começaremos por chamar a atenção para a variedade das técnicas decorativas (Quadro 1) e das tonalidades do vidro, quer se trate do *metal* de suporte, quer das cores utilizadas na execução, sobre o mesmo, das várias técnicas possíveis da decoração policroma. «Festival de cores» é, porventura, expressão adequada para traduzir a variedade que assinalámos (Est. I)



**Est. I** Amostragem do colorido e das técnicas decorativas. **a)** Parede de taça em vidro transparente incolor decorado por fios transparentes de cor azul acinzentado (Methuen 20 D5) aplicados em relevo no rebordo e em redor das paredes. Ø 96 mm. E'9 Q. II Zona Norte da floreira. 22.4.97. Este tipo de decoração está registado, na Europa, desde a Idade Média; corrente na Grécia bizantina, na Itália, na França meridional e, ainda, nos Balcãs entre os séculos XII e XV, por influência da Itália e de Bizâncio, só esporadicamente ocorreu a Norte dos Alpes nesta época, tratando-se os exemplares descobertos de importações (Grécia: Davidson, 1940, p. 311 e fig. 15/4; França: Demians d'Archimbaud, 1980, p.1308 e est. 458/4-5; Foy, 1985, p. 34 e p. 48, fig. 3/5, 1986, p. 91; Itália: Fossati e Mannoni, 1975, p. 59-60 e 62; Nepoti, 1978, p. 230 e p. 229, fig. 59/44; Blattmann, 1985, p. 107 e est. XIX/11; Balcãs: Kojic e Wenzel, 1967, p. 80, fig. 9/9-10, p. 82, fig. 10 e p. 87, fig. 16/b-c; Wenzel, 1977, p.63-63, fig.1/a, d-f). **b)** Fragmento da parede de uma taça em vidro transparente incolor decorado por um fio transparente de cor azul acinzentado (Methuen 21 C5) abaixo do qual corre um ziguezague da mesma tonalidade, ambos aplicados em relevo. G'7 Q. II Sala D Crivo. 11.11.97. Idêntica ornamentação está documentada por uma taça italiana de Faenza datada do século XIV e por um fragmento de parede proveniente do Sul de França (Whitehouse, 1983, p. 117, fig. 4; Lambert, 1972, p. 81 e p. 107, est. VIII/5). **c)** Pote em vidro transparente incolor, muito irisado, decorado, por sopragem em molde, pelo padrão de «bago de arroz» e por um fio transparente verde acinzentado (Methuen 22 C5) aplicado no rebordo. Ø 100 mm. D'5 Q. II 5.2.97. Tal padrão é habitual na vidraria da Europa atlântica do século XVI, enquanto que o fio verde que remata o bordo remete para a ornamentação da vidraria medieval que a Europa mediterrânica, quer bizantina quer católica, herdou do mundo islâmico (Itália: Nepoti, 1978, p. 222 e p. 223, est. 56/10-11). **d)** Fragmento do fundo cónico de uma garrafa em vidro transparente incolor decorada por filigranas do tipo *a fili* em azul acinzentado (Methuen 22 B5) e branco opacos. A'1 Q. III Sepultura 3. 3.4.96. A decoração filigranada é uma criação veneziana que deve ter surgido entre 1525 e 1549. Os exemplos mais recuados são de filigranas brancas opacas; a decoração de filigranas policromas aparece mais tarde, particularmente pela mão dos Ingleses, nos pés dos copos, a partir de cerca de 1760 (Inglaterra: Klein e Lloyd, 1984, p. 136). **e)** Parede de taça em vidro transparente azul acinzentado (Methuen 21 B6) ornada por fios opacos brancos, aplicados em relevo, dispostos segundo a tradição muçulmana conhecida, em italiano, por decoração *a penne*, a qual consiste em festões simulando plumas de aves. Ø 98 mm. Sondagem (...) muro (...) ala Oeste do claustro. 14.2.2002. São conhecidos paralelos em Corinto, na Síria, no Egipto nos séculos XIII, no *Midi* do século XIV e, na Catalunha, até ao século XVI tardio e início do século XVII, sob a influência de Veneza (Corinto (Grécia): Davidson, 1940, fig. 19/57; Síria: Riis, 1957, p. 66, fig. 202; Egipto: Whitcomb, 1983, p. 102, fig. 2/cc, nn e oo; França: Lambert, 1974, p. 107, est. VIII/8-9; Catalunha: Gudiol Ricart, 1936, e Frothingham, 1963, p. 41 e est. 23A e 65B). **f)** Parede de taça em vidro transparente azul acinzentado (Methuen 22 C6) ornada por um fio branco opaco aplicado no rebordo e pintura a verde acinzentado (Methuen 25 B5), vermelho acastanhado (Methuen 10 D6) da mesma tonalidade que se observa nas peças descritas nas alíneas g, m, n, s, t e u) e ouro. G'3 Q. III-IV Sala A. 10.4.97. Até à aurora da Idade Moderna, a pintura a ouro foi característica, sucessivamente, das vidrarias de luxo romana, bizantina e muçulmana e, a partir do século XIV, das produções de Veneza (Bizâncio: Philippe, 1970, p. 112; Islão: *Masterpieces of Glass*, p. 101 e 113; Veneza: Newman, 1977, p. 70 e Est. XIII). **g)** Fragmento da parede de um frasco (cabaça?) em vidro transparente incolor decorado por pintura a azul acinzentado (Methuen 23 B4), vermelho acastanhado, branco e ouro. E'7 Q. II Exterior do lavabo do claustro, sob derrube. 23.6.97. Tal como no caso do exemplar da alínea f, a pigmentação a ouro moído confere a esta peça um carácter excepcional.<sup>2</sup> **h)** Fragmento do colo de um frasco em vidro opaco vermelho acastanhado (Methuen 9 D7) decorado por fios branco opaco aplicados em relevo. B'5 Q. III S/ data. Corrente entre a vidraria islâmica desde os séculos VIII-IX, e na Grécia bizantina e na Itália entre os séculos XII e XIV, o vidro vermelho opaco só esporadicamente ocorreu a Norte dos Alpes nesta época. Em Portugal, foi descoberto vidro vermelho opaco, datável do período da dominação muçulmana, em Mértola (Síria: Carboni, 2001, p. 153, fig. 3. 3f-g; Grécia: Davidson, 1940, p. 305 e 313; Itália: Harden, 1966, p. 73, fig. 2, p. 75, fig. 12, p. 76, fig. 17 e p. 78 (Apúlia); Lamarque, 1973, p. 130 e p. 129, fig. 60 (Toscânia); Falsone, 1976, p.122 e p. 124, fig. 31 (Sicília); Portugal: Ferreira, 1989, p. 43 e p. 44, fig. 4/6). **i)** Fragmento de parede de uma taça (?) em vidro opaco negro com decoração submersa (*moucheté* ou *splashed*) de vermelho (Methuen 10 D6), de verde acinzentado (Methuen 28 C4), de amarelo

(Methuen 3 B5), de ouro e de branco opaco. G'5 Q. I-II Sala C Crivo. 27.10.97. O vidro opaco negro e a variedade na policromia são típicos da vidraria islâmica. Em Portugal, conhece-se vidro opaco negro oriundo de Mértola, de Pombal e de Sintra; em todos os casos se trata de formas e de modalidades decorativas conhecidas nos mundos islâmico e bizantino dos séculos VII a XIV, ainda que tardias no nosso país (Síria: Riis, 1957, p. 67-69, figs. 217-216; Portugal: Ferreira, 1989, p. 43-45, fig. 3/2, 21, 23, 31; p. 45 e 46, fig. 4/5 e 8, 2003, p. 290-291, n.ºs 70, 75, 77 e 78; Grécia: Davidson, 1940, p. 306). **j**) Fragmento da parede de um frasco em vidro transparente azul acinzentado (Methuen 23 B5) decorado por caneluras suaves impressas com recurso a molde e aplicação, em relevo, de vidro branco opaco configurando pequenas flores. C'1 Q. IV S/ data. Sendo porventura a modalidade ornamental mais comum na Idade Média, o emprego de caneluras verticais na decoração de vasos de vidro prolonga-se por quase toda a Idade Moderna, tanto no mundo mediterrânico como no mundo atlântico. Quanto à decoração, a branco opaco, de flores estilizadas sobre um fundo da tonalidade deste fragmento, encontramos-la entre a vidraria islâmica dos séculos VII a IX (Egipto ou Síria: Carboni, 2001, p. 65). **k**) Fragmento da pança de um frasco em vidro transparente azul acinzentado (Methuen 23 B4) decorado por caneluras suaves impressas com recurso a molde e aplicação em relevo, sobre as mesmas, de colunas de pequenos pontos em vidro opaco negro oculados a branco igualmente opaco. A'1 Q. I Cota cerâmica. A decoração oculada é conhecida na França do Sul já no século XIV. Análoga solução ornamental, também praticada sobre vidro azul, se encontra num fragmento de parede oriundo de G'5 Q. I-II Sala C, Crivo, 21.10.97, no qual se observam colunas de curtas linhas vermelhas. Esta forma de decorar vasos de vidro é a que se encontra nas taças opaco negro de Pombal e de Sintra a que respeita a bibliografia referida na nota da alínea i. Assim se ornamentaram vasos de vidro de diversas cores nos tempos áureos do Islão, mas esta prática continuou, no Médio Oriente, até, pelo menos, ao século XV (Síria: Riis, 1957, p. 64, fig. 192; França: Lambert, 1972, p. 79 e p. 95, fig. 25; Sinai: Shindo, 1993, p. 301-3 fig. 5 e p. 302; Egipto: Lamm, 1930, p. 97 e est. 29/6; Portugal: Ferreira, 1989, p. 45 e p. 46, fig. 4/8). **l**) Frasco em forma de cabaça em vidro transparente vermelho acastanhado (Methuen 10 D6). D'7 Q. III 6.2.97. Os frascos deste modelo são muito frequentes entre a vidraria muçulmana que esteve povoada de formas orgânicas e zoomórficas. O *omon* ou *qumqum*, tipos preferidos acima de todos como contentores de perfumes, afectam a forma de cabaças, ainda que a parte superior seja mais estreita e fina do que a dos frascos-cabaça de Santa Clara-a-Velha. Apresentam-nos profusamente todos os autores que se debruçaram sobre a vidraria muçulmana, do século VII ao século XIV (Egipto: Vávra, 1954, p. 60, fig. 52; Síria: Lamm, 1930, p. 36 e est. IV/52-54 e Carboni, 2001, p. 150-151). **m**) Bocal, em forma de funil, de um frasco globular, sem colo, soprado em vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 B5), decorado por pinceladas de cor vermelha acastanhada, azul acinzentado (Methuen 21 D5) e branco opaco. Ø 25 mm. E'7 Q. II Exterior do lavabo do claustro. 20.6.97. Os frascos a que ao bocal em funil sucede imediatamente a pança globular são forma típica da vidraria muçulmana dos séculos IX e seguintes, especialmente no Irão, mas também noutras regiões (Carboni, 2003, p. 154 e 250-251).<sup>3</sup> **n**) Frasco em forma de cabaça, de bordo cortado cerce (Ø 16 mm), em vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 D5), decorado por pinceladas ovaladas oculadas executadas em vermelho acastanhado, azul acinzentado (Methuen 21 D5) e branco opaco. D'7 Q. III Lodo 10.2.97 (Fossati e Mannoni, 1975, p. 64). **o**) Garrafa em vidro transparente verde acinzentado (Methuen 25 B5), esmerilado e canelado em oblíquo; a parte alta da pança apresenta ainda laivos de cor castanho violeta (Methuen 10 E6). Ø ao nível do ponto de junção do colo à pança: 26 mm. G'7 Q. II Sala D 3.10.97. Trata-se de mais uma forma característica da vidraria do mundo islâmico. A decoração por esmerilagem foi reconhecida em fragmentos recolhidos durante a escavação do centro produtor italiano da Ligúria de Monte Lecco (século XIV), tendo sido considerado como vidro espanhol.<sup>4</sup> **p**) Fragmento de parede curva em vidro transparente azul turquesa acinzentado (Methuen 24 B5) decorado de caneluras e esmerilado. B'3 Q. III. 10.7.96. Alguns fragmentos análogos, mormente um de um fundo cónico (D'9 Q. III Interior do lavabo do claustro), apresentam ainda pintura oculada a vermelho, azul e branco opaco (Bélgica: Vandenberghe, 1982, p. 137 e p. 134, fig. 1/9; Inglaterra: Charleston, 1977, p. 290 e 291, fig. 4; Willmott, 2002, p. 38, fig. 8 e p. 111, fig. 149/1.4; França: Cabart, 1990, p. 318 (Alsácia e Champagne) e p. 320 (Champagne e Lorena); Portugal: Ferreira, 1993, p. 423 e fig. 2/23, 1994, p. 120 e p. 123, fig. 28, 2000, p. 372 e p. 371, fig. 5/2). **q**) Copo em vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 B5) decorado, por sopragem em molde, por um padrão de bossas dispostas em contínuas fiadas oblíquas. Ø 47 mm. E'5 Q. III Lodo 2.1.97. Este padrão, bem como outros análogos, é habitual na vidraria da Europa atlântica da 2.ª metade do século XV ao século XVII inclusive, embora a forma geral dos copos, usados para a ingestão de cerveja, pareça não coincidir sempre com as conhecidas em Portugal (Davidson, 1940, p. 306; Boldrini e Mendera, 1994, p. 510, est. V). **r**) Base discóide tubular, encimada por um botão, de um cálice em vidro transparente vermelho acastanhado (Methuen 10 D6). Ø 68 mm. E'3 Q. II Lodo 4.2.97. A parede é dupla, portanto feita à maneira medieval, como sucede na generalidade das bases dos cálices do Sul da Europa, onde este tipo de copo para o serviço das bebidas foi, salvo raras excepções, preferido, na Idade Média, ao vaso cilíndrico alto em uso na Europa central e do Noroeste (Iraq: Lamm, 1928, p. 109-110 e est. VIII-IX; Egipto: Nachtigall et al., 1988, p. 46-47; Síria: Riis, 1957, p. 69 (adorno) e Carboni, 2003, p. 127-2128 e fig. 1 (revestimento)). **s**) Fragmento de parede em vidro transparente azul acinzentado (Methuen 21 C6) decorado, no intuito de simular as canas da técnica conhecida por *millefiori*, por rosetas pintadas a vermelho acastanhado e branco opaco. Sondagem T.D. Exterior do claustro. 27.11.01. Embora o vidro *millefiori* produzido em Veneza na Idade Moderna tenha como antepassado o vidro mosaico romano, no hiato de tempo que mediou entre estas duas épocas esta técnica foi praticada no mundo islâmico, quer em peças de adorno e vasos de vidro, quer como revestimento, na arquitectura (Egipto: Pinder-Wilson e Scanlon, 1973, p. 29-30 e fig. 44; Grécia: Davidson, 1952, p. 89, est. 59/772). **t**) Fragmento de parede curva em vidro transparente verde pálido (Methuen 30 A3) com decoração submersa (*mouchetée* ou *splashed*) a vermelho acastanhado da tonalidade referida na alínea i. D'5 Q. II 5.2.97. Este tipo de decoração foi registado no Egipto nos séculos IX-X e na Grécia nos séculos XI e XII (Ferreira, 1994, p. 120 e p. 122, fig. 10). **u**) Fragmento de parede em vidro transparente azul acinzentado (Methuen 21 C6) decorado, por sopragem em molde, de uma malha de losangos contíguos pontuados centralmente por uma flor de quatro pétalas. B'5 Q. III 20.4.96. O mesmo padrão apareceu anteriormente em Tomar num contexto do século XVII (Ferreira, 1994, p. 120 e p. 122, fig. 10). **v**) Fragmento de parede em vidro opaco branco (porcelana de vidro) soprado em molde de caneluras e ornado por pinceladas azuis (Methuen 22 D5) e vermelho acastanhado (Methuen 10 D7). A1 Q. I 29.7.96. Trata-se de um produto de Murano típico do século XVI e que continuaria a ser fabricado por todo o período barroco em vários países europeus, mas que se encontra insuficientemente estudado (Drahotová, 1982, p. 144 e 154-155). **x**) Fragmento de parede em vidro translúcido amarelado pintado a castanho amarelado (Methuen 5 C7), a vermelho acastanhado (Methuen 9 C6) e ouro para imitar a ágata. B'5 Estrutura 4 Terra negra 25.1.96. Os vidros opacos ou semiopacos que procuravam produzir os efeitos visuais das pedras semipreciosas como o ónix, a calcedónia e a aventurina foram largamente produzidos em Veneza no século XVII (Newman, 1977, p. 56 e 219).

Pode concluir-se, dos comentários circunstanciados tecidos a propósito dos fragmentos seleccionados para ilustrar o variegado colorido do vidro e da sua decoração, que

- 1.º – formal e decorativamente se observa grande diversidade;
- 2.º – estão documentadas tradições vidreiras distintas, remotas e geograficamente distantes;
- 3.º – do ponto de vista cronológico, as matrizes de alguns espécimes divergem substancialmente das de outros.

Assim sendo, consideremos nove conjuntos de peças seleccionadas com o intuito de ilustrarem os seguintes aspectos:

- A – Reminiscências medievais europeias
- B – Formas de índole maneirista e barroca
- C – Heranças islâmicas e produções europeias meridionais
- D – Testemunhos de relações com outras regiões europeias
- E – Encontro de tradições I – *ante* 1680: o *crystallo* com «decoração branca»
- F – Encontro de tradições II – *ante* 1680: ainda o *crystallo*
- G – Encontro de tradições III – *ante* 1680: *varia*
- H – Encontro de tradições IV – *post* 1680: novos modos
- I – Vidraria contemporânea

Alguns apontamentos relacionados com a problemática dos possíveis centros de fabrico desta vidraria, etapas seguintes e aspectos da abordagem do seu estudo, em ordem a uma mais alargada compreensão da vidraria das escavações de Sta. Clara-a-Velha e do seu contributo para a história do vidro em Portugal, concluirão este artigo.

## A – Reminiscências medievais europeias (Fig. 2)

Dissemos acima que a impressão de caneluras nas paredes dos vasos é a modalidade decorativa mais comum na Idade Média. O recurso a moldes fechados foi o procedimento técnico mais usual nessa época.

São lídimos e universalmente conhecidos, como exemplos da sopragem em moldes fechados, o cálice até há pouco dito «de São Lambert le Bègue» (1.ª metade do século XIII), mas que deverá designar-se, com mais propriedade, da Igreja de São Cristóvão de Liège, (Fontaine e Wouters, 2000, p. 280-281) e o cálice dito «de Amiens», hoje no British Museum, o qual, embora seja actualmente considerado como um revivalismo do século XVII tardio, foi durante muito tempo atribuído ao século VI precisamente pelas salientes caneluras que ornava a copa (Newman, 1977, p. 23).

A Fig 3a (Est. II /1) mostra uma jarra, provavelmente para flores, do tipo das representadas em tábuas e telas, tanto estrangeiras como portuguesas, dos primitivos da pintura europeia. Trata-se do único exemplar deste tipo encontrado intacto em Sta. Clara-a-Velha. Todavia, o imenso contingente de fragmentos de panças sobre o globular, caneladas, sopradas em vidro amarelado ou esverdeado, mas também em vidro incolor e azul (Fig. 2h), e as numerosas asas de fita, análogas às que se observam na jarra da Fig. 2a, amiúde agarradas a fragmentos de parede com o mesmo perfil desta, sugerem a existência de muitos outros vasos da mesma tipologia. As caneluras são sali-

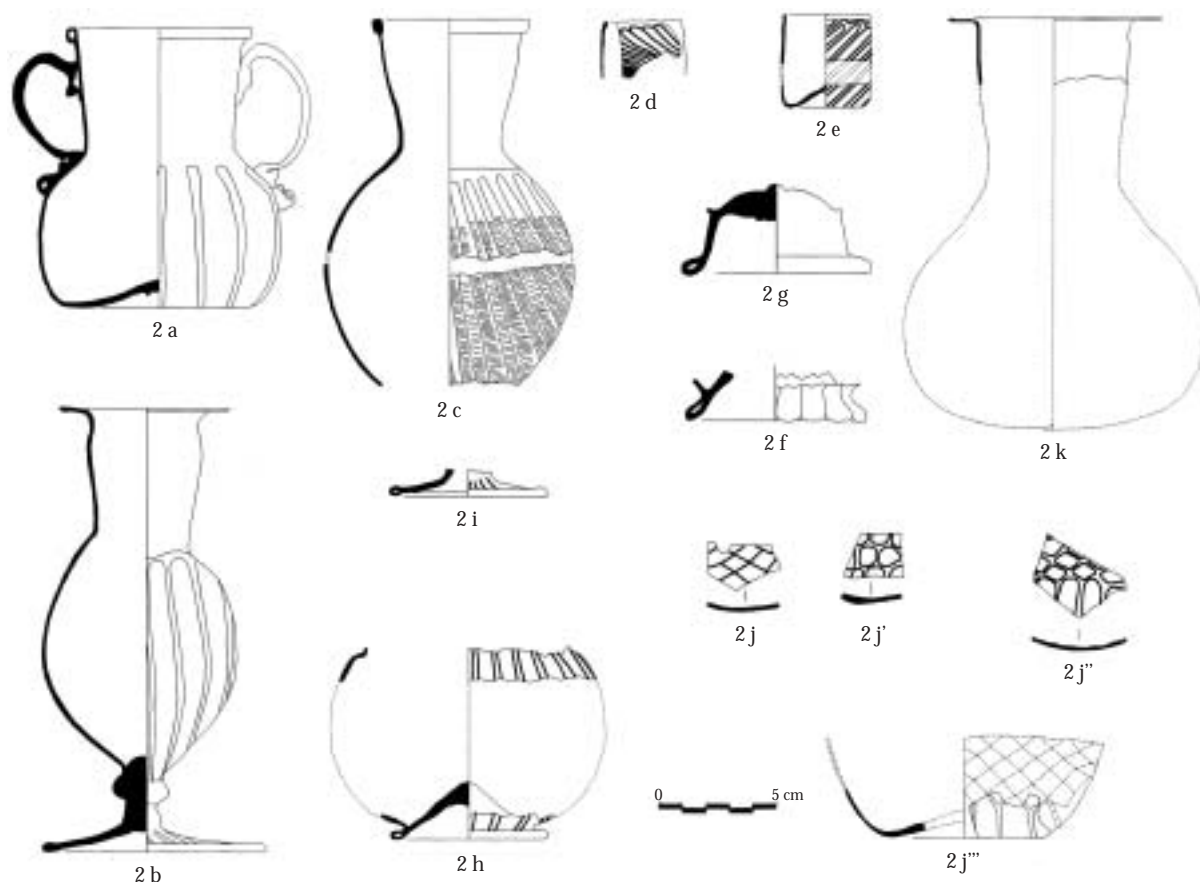


Fig. 2 Reminiscências medievais europeias. a) Jarra - Est. II/1; b) Jarra - Est. II/2; c) Jarra - Est. II/3; d) Copo - Est. II/4.

entes e detêm-se na base dos colos largos; os bordos tubulares resultam da dobragem do rebordo sobre a parede externa.

A jarra da Est. II / 2 (Fig. 2b), apesar de corresponder basicamente ao mesmo procedimento técnico, é mais esbelta. As asas desapareceram, reduzindo em largura o impacto visual da peça, as caneluras são menos salientes e de traçado menos rígido e algo torço, como resultado do estiramento da massa vítrea num segundo momento, após a sopragem em molde, e a peça repousa sobre uma base discóide adicionada na última fase do fabrico. A pança periforme e esta base conferem à jarra em questão uma elegância de que é desprovida a jarra da Fig. 2a.<sup>4</sup>

A peça da Fig. 2c (Est. II / 3) é não só tecnologicamente idêntica à da Fig. 2b, como era porventura dotada de análoga base. Na ausência desta certeza, apresenta como mais-valia um subtilíssimo canelado oblíquo que desvia vantajosamente a atenção de um bordo relativamente grosseiro. Na nossa opinião, esta pança miúda, ténue e finamente canelada pode entender-se como o terceiro estágio da evolução desta modalidade ornamental, situada nos antípodas da ilustrada na Fig. 2a.

Outra forma que remonta à Idade Média é o copo cilíndrico baixo decorado por motivos igualmente impressos por sopragem em molde fechado. Os da Fig. 2d-e (Est. II / 4) ostentam caneluras oblíquas impressas em paredes atarracadas, sendo semelhantes a copos dos Antigos Países Baixos (De Clippele-De Bleser, 1988, p. 144 e p. 143, fig. 100/10) e da Alemanha (Schütte, 1976, p. 107-108 e fig. 6/4) datados do século XVI.

Também duas bases de rebordo tubular, uma plissada (Fig. 2f) e duas outras lisas (Fig. 2g-h) ilustram exemplarmente, desta feita de um ponto de vista puramente tecnológico, um *modus faciendi* medieval que se prolongou por quase toda a Idade Moderna (Barrera, 1990, p. 117 e p. 120, fig. 4/31, 32 e 36). Referimo-nos aos vasos, sejam eles garrafas, taças ou jarras, sopradas integralmente na porção de vidro de uma só colheita à boca do forno, sem existirem portanto as costuras entre as bases de parede dupla e as paredes, ao invés do que se observa em peças do tipo da jarra da Fig. 2b (Barrera, 1990, p. 117, p. 119, fig. 3/3 e p. 120, fig. 4/ 28-36). Este processo de fabrico está largamente documentado entre o espólio vítreo de Sta. Clara-a-Velha.

As bases discóides de cálices do tipo do da alínea r da Est. I, como o representado na Fig. 2i, e que se contam igualmente por muitos exemplares em Sta. Clara-a-Velha, eram executadas da mesma forma, sendo portanto também dupla a parede que determina o rebordo tubular.<sup>6</sup>

Com esta base de cálice de cor castanho violáceo regressamos ao domínio da decoração e, designadamente, à decoração canelada, mas há que referir que outros padrões medievais impressos com recurso a moldes auxiliares foram detectados neste espólio vítreo.

Referimo-nos designadamente às malhas losangonais (Fig. 2j) que, quando menos regulares, têm sido apelidadas de malhas «em favo de abelha» (Figs. 2j' e 2j'') e se resolvem frequentemente em arcadas nos fundos reentrantes cónicos (Fig. 2j'''), como se pode observar em material arqueológico da Provença e da Itália Central datado do século XIV.

Relativamente ao século XV, fontes escritas referem que, entre o espólio vítreo de um complexo monástico do Monte Oliveto, também na Itália Central, os copos eram encomendados pelo menos às centenas e que, entre 1409 e 1429, foram adquiridos 2935 copos, apesar de não estar documentada a presença, em tal mosteiro, de mais do que trinta e sete monges (Itália: Newby, 2000, p. 261-62, fig. 6).

Fechamos com a menção ao urinol (Fig. 2k) a amostragem de formas que, remontando à Idade Média — honre-se a lição de Vasco Valente, o primeiro estudioso a debruçar-se seriamente sobre a história do vidro em Portugal —, sobreviviam ainda no final do século XVI.

De facto, o urinol era utilizado na Europa, como instrumento de diagnóstico médico, desde, pelo menos, os séculos XII – XIII, e sobreviveria quase até finais de setecentos (Ferreira, 2000, p. 373-74, fig. 10/1-2). O modo pelo qual era usado é o ilustrado na tela *S. Cosme S. Tomé e S. Damião*, de Francisco Henriques (1.º terço do século XVI). Trata-se, no fundo, de um balão de larga abertura e fundo convexo. Não carecia de base porque não se destinava a permanecer pousado em qualquer superfície plana, mas antes a conter, por breve espaço de tempo e para exame à transparência, a urina do paciente.

Um grande número de bordos é todavia semelhante, em última análise, ao dos urinóis. Comparem-se, designadamente, o da jarra da Fig. 2b e o do urinol em questão. A cor do vidro vem, em casos como este, evitar o equívoco, mas que dizer de análogo recipiente em vidro transparente incolor cujos bocal e fundo correspondem ao padrão habitual nos urinóis (Sector H'5), e que apresenta uma decoração esmerilada totalmente despropositada em tal tipo de vaso?

### Catálogo / Fig. 2 – Reminiscências medievais europeias

- a) Jarra. Colo cilíndrico levemente esvasado rematado por bordo tubular resultante da dobragem do rebordo sobre a face externa da parede. Pança globular achatada decorada, por sobragem em molde, de salientes caneluras verticais. Asas de fita. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 2 B4), repleto de minúsculas bolhas de ar. Alt. 120 mm Ø da abertura 78 mm. B'1 Estrutura 7 Q. III terra negra 7.2.96.



- b) Jarra. Colo cilíndrico levemente esvasado e convexo rematado por larga aba horizontal. Pança ovóide decorada, por sopragem em molde, por caneluras tendencialmente verticais que se detêm no ombro. Base discóide tubular (resultando a parede dupla do *refoulement* da porção única de vidro em que foi soprada), igualmente ornada de caneluras, ténues e radiais, ostentando marca de pontel e encimada por um botão modelado soldado à base e à pança. Perfis assimétricos. Vidro transparente azul profundo acinzentado (Methuen 20 D7), contendo numerosas bolhas de ar. Alt. 189 mm Ø da abertura 96 mm. D'9 Q. II Junto à base 22E Sob derrube 24.6.96.
- c) Jarra (?). Colo cilíndrico levemente esvasado e convexo rematado por bordo engrossado por dobragem do rebordo sobre a face externa da parede, ainda que sem determinar rebordo tubular. Pança globular decorada, por sopragem em molde, por caneluras oblíquas, inclinadas para a direita, as quais, à medida que se distanciam do colo, e mediante a ulterior sopragem livre que as distendeu, deram lugar a quase imperceptíveis colunas de curtos traços horizontais. Ø 66 mm F'5 Q. III Lodo 20.2.97.
- d) Copo. Paredes cilíndricas ligeiramente convexas, decoradas, por sopragem em molde, de caneluras oblíquas inclinadas para a direita. Bordo engrossado envasado. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 B5), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 52 mm D'7 Q. II - Exterior W Lodo 21.5.97.
- e) Copo. Paredes cilíndricas ligeiramente convexas, decoradas, por sopragem em molde, por caneluras oblíquas, inclinadas para a esquerda. Bordo engrossado vertical. Fundo cónico, ostentando marca de pontel, no qual vêm diluir-se as caneluras da parede. Vidro transparente castanho avermelhado (Methuen 8 D5), contendo minúsculas bolhas de ar. Alt. provável 60 mm Ø da abertura 45 mm Ø do fundo 44 mm. D'1 Q. III 23.1.97.
- f) Base cónica ( de copo ou taça?) de rebordo tubular (resultando a parede dupla do *refoulement* da porção única de vidro em que foi soprada) e plissado com pinça de vidreiro. Parede esvasada. Vidro transparente azul acinzentado (Methuen 21 C6), muito irisado. Ø 78 mm A1 Q. I Sob enterramento Sepultura 37 16.7.96.
- g) Base cónica ( de copo ou taça?) de rebordo tubular (resultando a parede dupla do *refoulement* da porção única de vidro em que foi soprada) ostentando marca de pontel. Vidro transparente cinzento esverdeado (Methuen 29 C2), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 75 mm. A1 Q. I Cota cerâmica 7.8.96.
- h) Base cónica (de jarra ou de garrafa?), de rebordo tubular (resultando a parede dupla do *refoulement* da porção única de vidro em que foi soprada), ostentando marca de pontel. Pança globular decorada por caneluras ténues. Vidro transparente azul escuro acinzentado (Methuen 21 E6), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 66 mm. E'5 Q. III Lodo 12.2.97.
- i) Base discóide tubular (de cálice?), resultando o rebordo tubular e a parede dupla do *refoulement* da porção única de vidro em que foi soprada em molde que imprimiu na parede ténues caneluras radiais. Vidro transparente vermelho acastanhado (Methuen 10 D6), contendo impurezas. Ø 68 mm. G'5 Q. I-II Crivo Sala B 28.10.97.
- j) Fragmento de parede curva decorada, com recurso a molde, de uma malha losangonal. Vidro transparente incolor com estrias da sopragem e raras minúsculas bolhas de ar. A3 Q. I Terra negra 2.4.96.
- j') Fragmento de parede curva decorada, com recurso a molde, do padrão de «favos de colmeia». Vidro transparente incolor, muito irisado. A1 Q. I Camada com cerâmica 31.7.96.
- j'') Fragmento de parede curva decorada, com recurso a molde, do padrão de «favos de colmeia» e de caneluras largas e alongadas. Vidro transparente incolor irisado. A1 Q. I Cota 14-38 17.7.96.

- j<sup>o</sup>) Base cónica e pança, sobre o globular, de garrafa. Decorada, com recurso a molde, por uma malha losangonal que se resolve, na parte baixa da pança, em caneluras verticais. Vidro transparente originalmente incolor tingido de amarelo, opacificado pela alteração da matéria. Ø 68 mm. A1 Q. II 15.8.96
- k) Urinol. Colo cilíndrico convexo levemente esvasado e convexo rematado por larga aba horizontal. Vidro transparente incolor muito levemente tingido de verde, contendo numerosas minúsculas bolhas de ar e algumas impurezas. Ø 92 mm. D'1 Q. II Lodo 14.1.97

## B – Formas de índole maneirista e barroca (Fig. 3)

No outro extremo do espectro cronológico dos estilos representados no espólio vítreo de Sta. Clara-a-Velha susceptível de ter sido utilizado pelas Clarissas, encontramos as primeiras formas da estética barroca: frascos de secção quadrangular e hexagonal (Fig. 3a-c e Est. III/1-3) e taças cilíndricas baixas de aba subpoligonal (Fig. 3d e Est. III/4)

Os frascos de secção poligonal foram soprados em moldes. O vidro é, nos três casos, vidro comum desprovido de decoração, embora mais fino e leve nos da Fig. 3a-b do que no da Fig. 3c; naquele que conservou o bocal (Est. III/1), ele assume ainda a forma de funil que caracteriza os frascos de pança globular de tradição muçulmana, como veremos. Ora os frascos deste tipo, do século XVIII, que se destinavam quer a frasqueiras (é a acepção inglesa da *case-bottle*), quer a adegas, foram feitos em vidro espesso e pesado, respectivamente incolor e verde escuro («negro», na terminologia da época) e possuem, na maioria, bocais cilíndricos moldurados e mesmo dotados de roscas. Os de vidro incolor são frequentemente ornados por gravura à roda, e/ou por lapidação, decoração a que se adiciona por vezes pintura a ouro.

Divergindo destas características, os frascos da Fig. 3a-c correspondem às primeiras incursões na estética barroca de vidreiros ligados à produção artesanal tradicional da generalidade do espólio em análise. Tal forma é frequente, da Europa de Leste ao Reino Unido, nos finais do século XVI e no século XVII (Boémia: Klesse e Mayr, 1987, n.os 140 e 88; Inglaterra: Willmott, 2002, p. 87-89, figs. 112-113).

Quanto às taças, decoradas ou não por caneluras, foram sopradas na maioria em vidro esverdeado, ainda que algumas sejam perfeitamente incolores e outras de tonalidade castanha avermelhada. As aberturas revestem a forma de abas rematadas por bordos tubulares achatados, deliberadamente polifacetados com o auxílio de um utensílio de vidreiro que poderá ter sido uma espátula de madeira, de forma a aproximarem-se de polígonos (Est. III/4).

A conformação sub-poligonal das abas poderia ser imputada à decoração de caneluras. Todavia, a existência de umas quantas taças assim decoradas cujas copas são rotundamente circulares (Fig. 3e) não deixa margem para dúvida acerca da intenção do acabamento. Os fundos, ligeiramente reentrantes, ostentam a marca do pontel, e a matéria, mal depurada, dita a classificação destas formas abertas como vidraria comum, ou de uso corrente. De facto, contam-se tantos exemplares que é lícito falar numa espécie de verdadeiro serviço ou, pelo menos, de uma peça de loiça que abundava no mosteiro, verosimilmente para fins de consumo de alimentos pela comunidade das Clarissas.

Os únicos paralelos que conhecemos para esta forma provêm de contextos do século XVII-XVIII da Rua da Judiaria em Almada.<sup>5</sup> Note-se, porém, que a partir de meados do século XVI e por todo o século XVII abundam, em Itália como alhures, entre o vidro *façon de Venise*, as aberturas poligonais, quer de jarras, quer de copos e taças (Itália: Balboni Brizza, 1991, n.º 10 e 17; Espanha: Frothingham, 1963, est. 27A e 70; origem incerta: Klesse e Mayr, 1987, n.º 25).

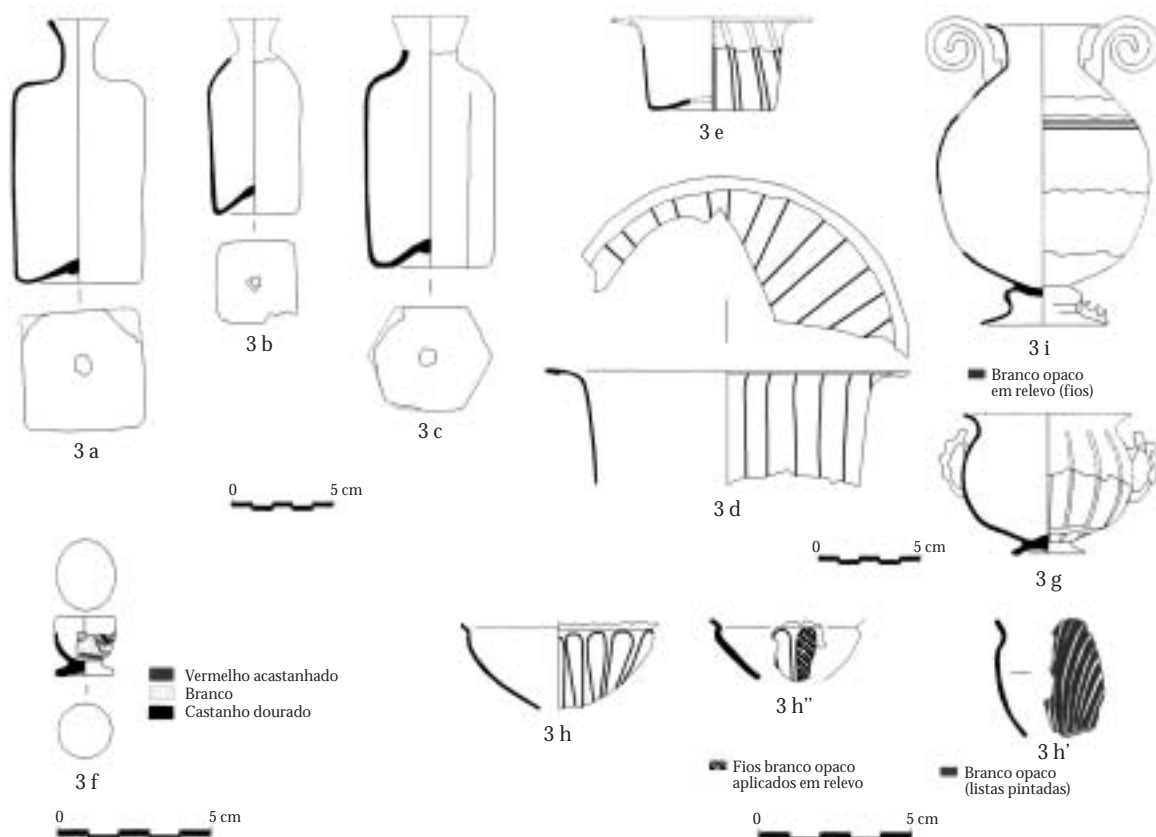


Fig. 3 Formas de indole maneirista e barroca. a) Frasco quadrangular verde – Est. III/1; b) Frasco quadrangular roxo – Est. III/2, c) Frasco hexagonal incolor – Est. III/3; d) Taça – Est. III/4; g) Taça – Est. III/5.

A jarra da Est. V/6 é análoga, pela decoração, a muitos vasos bem conhecidos por toda a Espanha. As laçarias que ela apresenta caminham do motivo *a penne* para o motivo de anéis em cadeia que virá a florescer plenamente no século XVII, não só no vidro mas também na faiança, na olaria empedrada alentejana e, até, em obras de cantaria, conforme demonstrámos anteriormente (Newman, 1977, p. 45; Frothingham, 1963, ests. 49A e 60). A primorosa jarra da Fig. 10c deve pois datar do início do século XVII.<sup>6</sup>

Mais sumptuários ainda são os exemplares em vidro opaco branco, de que salientaremos fragmentos de um vaso canelado pintado a vermelho, azul e ouro, e dois *bains-d'oeil* pintados de molde a sugerir pedras semipreciosas, datáveis do século XVII.

O *bain-d'oeil* é um pequeno recipiente pertencente aos objectos de *toilette*. A forma oval explica-se pela necessidade de o adaptar à forma do olho que se destina a banhar (Arminjon e Blondel, 1984, p. 290-291, fig. 1449). Não conhecemos qualquer paralelo para este tipo de objecto em vidro e, de resto, a sua presença é precoce num espólio que não alcança, cronologicamente, o século XVIII, época em que o uso do *bain-d'oeil* se tornou corrente. O seu uso por parte de freiras parece-nos também excepcional. Exumado do Sector B'1, aquele onde foi descoberto o material mais tardio de todo o espólio vítreo, este *bain-d'oeil* limita a aventura pelos reflexos castanho dourados dos veios que interrompem as áreas pintadas a vermelho acastanhado (Fig. 3f).

A fragmentos curvos canelados de uma pança e a um pé discóide baixo pintados a azul, vermelho e ouro (Est. III/5), adicionam-se asas trabalhadas à pinça. Todos estes elementos foram fei-

tos em vidro opaco branco. O vaso era, pois, uma taça do tipo da que, conservada no Museo Poldo Pezzoli, em Milão (Balboni Brizza, 1991, n.º 19), serviu de base à nossa reconstituição (Fig. 3g). Igualmente pintado a azul e vermelho, e ornado por um cordão ondulante aplicado em relevo, um outro fragmento sugere um vaso de diversa tipologia, talvez um jarro.

O vidro opaco (ou semi-opaco, quer dizer, translúcido) branco tem sido designado, em Itália, por vidro *lattimo*, mas noutras regiões da Europa foram encontradas outras designações: *verre blanc de lait* ou porcelana de vidro nos países de língua românica, *Milkglass* e *Milchglas* nos de língua germânica. «Porcelana de vidro» é, porventura, a designação que melhor sugere o intuito que presidiu à criação deste produto vidreiro: democratizar, imitando o seu aspecto, as porcelanas orientais.

A opacidade e a cor branca, tendentes a imitar a porcelana oriental, eram conferidas à matéria-prima mediante a adição de antimónio de cálcio, tendo a primeira fórmula de fabrico deste tipo de vidro sido consignada no receituário de Darduino, em 1644, pelo que a sua invenção deverá ter ocorrido entre 1611 e 1644, uma vez que o receituário de Antonio Neri, de 1611, ainda não contém qualquer referência a este produto vidreiro (Guarnieri, 1986, p. 219 e p. 315, est. XXI).

A forma dos fragmentos das Figs. 3h, 3h' e 3h'' foi decalcada na ourivesaria barroca, remetendo para taças e salvas setecentistas que, por sua vez, se inspiraram em modelos da Roma Antiga (Barroco: *Inv. da Col. do Museu Nacional Machado de Castro*, 1992, n.º 176; Roma Antiga: Strong, 1966, Pl. 61A). O exemplar 3h' é decorado por *latticino* e o 3h'' por *mezza filigrana*.

Classicizante é igualmente a ânfora da Fig. 3i. Paralelos iconográficos correntes são os vasos albarrada que, dos ornamentos tipográficos aos azulejos, passando pelos têxteis e pelo móvel pintado popular, percorrem as mais variadas expressões artísticas do Maneirismo e do Barroco (têxteis: Schneider, 1991, p. 83, fig. 33; mobiliário: armário do Baixo Minho do século XVIII das reservas do Museu Nacional de Etnologia, Ref.<sup>a</sup> AZ 260 (inédito). As asas em forma de voluta, diversas de todas as demais constantes deste espólio vítreo, distanciam-se decisivamente de qualquer tradição islâmica ou veneziana que, em outros casos, são pertinentemente invocáveis, e mergulham no tempo dos sucessores imediatos de Augusto e de Tibério. As asas do *cantharos* romano em vidro (forma Isings 38) configuram de algum modo volutas,<sup>7</sup> mas mais notória é a réplica, no cálice dito «de Amiens» acima evocado, das asas das ânforas gregas do período clássico.

A própria tonalidade vermelha acinzentada do finíssimo vidro em que foi soprado este vaso terá pretendido sugerir, por aproximação à púrpura imperial, o carácter áulico do vaso. A menos que o referente para esta coloração tenha sido o sangue derramado de Cristo.

### Catálogo | Fig. 3 – Formas de índole maneirista e barroca

- a) Frasco. Secção quadrangular. Bocal em forma de funil. Bordo cortado à tesoura. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Sopragem em molde. Perfis assimétricos. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 26 B3), contendo numerosas minúsculas bolhas de ar. Alt. 177 mm Ø 29 mm Lado do fundo 56 mm. D'5 Q. III Junto à parede Este Lodo 2.1.96.
- b) Frasco. Secção quadrangular. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Sopragem em molde. Vidro transparente castanho avermelhado (Methuen 9 D6), contendo minúsculas bolhas de ar. Alt. provável inicial com o colo desaparecido 95 mm Lado do fundo 38 mm. E'3 Q. II Lodo 4.2.97.
- c) Frasco. Secção hexagonal. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor repleto de minúsculas bolhas de ar. Alt. provável inicial com o colo desaparecido 122 mm Lado do fundo 15 mm. C'3 Q. II Lodo 21.12.96.

- d) Taça. Copa troncocónica esvasada. Abertura em forma de larga aba horizontal subpoligonal rematada por rebordo tubular resultante da dobragem do bordo sobre a face externa da parede. Fundo verosimilmente cónico. Decorada, por sopragem em molde, por caneluras verticais. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 B3), contendo numerosas pequenas bolhas de ar e muitas impurezas. Alt. provável 70 mm Ø 180 mm D'1 Q. II Lodo 14.1.97.
- e) Taça. Copa troncocónica esvasada. Fundo cónico. Decorada, por sopragem em molde, por caneluras tendencialmente oblíquas inclinadas para a direita. Vidro transparente castanho avermelhado (Methuen 9 D5), contendo bolhas de ar e impurezas. Alt. provável 40 mm Ø provável da abertura 80 mm. B'1 Estrutura 4 26.1.96.
- f) *Bain-d'oeil*. Forma de pequena taça de base troncocónica circular e copa ovalada. Vidro opaco branco decorado por laivos pintados a vermelho acastanhado (Methuen 10 D6) e a castanho dourado (Methuen 5 D7). Alt. provável 20 mm Ø da base 17-18 mm. B'1 Q. I 18.12.96.
- g) Taça. Base troncocónica ostentando marca de pontel e, no interior, pequeno *umbo* resultante da soldadura da base à pança. Pança globular decorada, por sopragem em molde, por caneluras. Provida de asas plissadas. Vidro opaco branco ornado de pinceladas sobre o circular e laivos alongados de cor vermelha acastanhada (Methuen 10 C6), de cor azul escura acinzentada (Methuen 21 D6) e de ouro. Alt. provável 70 mm Ø da base 36 mm. A11 Q. I 27.1.97.
- h) Cálice. Copa em forma de calote esférica decorada, por sopragem em molde, por gomos relevados. Bordo em forma de aba esvasada soerguida. Vidro transparente incolor, muito irisado. Ø ao nível da transição da copa para o bordo 60 mm. A1 Q. I Camada com cerâmica 2.8.96.
- h') Cálice. Copa em forma de calote esférica decorada, por sopragem em molde, por gomos relevados sobre os quais foram pintadas listas oblíquas de vidro branco opaco. Bordo em forma de aba esvasada soerguida. Vidro transparente incolor. A1 Q. II Cota cerâmica 3.12.96.
- h'') Cálice. Copa em forma de calote esférica decorada, por sopragem em molde, por gomos relevados, sucedendo a cada gomo desprovido de decoração um outro decorado a branco opaco, numa primeira fase segundo a técnica da *mezza filigrana* e, numa segunda fase, por fios aplicados em relevo, sobrepostos aos primeiros de forma a criar um reticulado. Bordo em forma de aba esvasada soerguida. Vidro transparente incolor. Ø ao nível da transição da copa para o bordo *circa* 40 mm. G'7 Q. III Sala D Crivo 3.12.97.
- i) Jarra. Colo troncocónico levemente esvasado rematado por aba esvasada oblíqua. Pança esférica, ornada na parte alta por dois fios paralelos horizontais de vidro branco opaco, à qual foi soldada a base troncocónica, dilatada em anel na secção superior, que recebeu, como ornatos aplicados em relevo, pelo menos dois cordões trabalhados à pinça diametralmente opostos. Vidro transparente vermelho acinzentado (Methuen 10 D4) Alt. provável *circa* 148 mm Ø da abertura 58 mm Ø da base 63 mm. E'3 Q. IV Junto à estrutura circular Exterior Norte Lodo 8.1.97.

### C – Heranças islâmicas e produções europeias meridionais (Figs. 4 e 5)

Entre o vidro medieval e o vidro barroco floresceu o *crystallo*, o vidro veneziano que passou à História assim designado (embora impropriamente) por terem logrado os seus obreiros receitas que conduziram ao vidro perfeitamente depurado, e por isso perfeitamente incolor.

Quando comparamos as formas da louça, quer em vidro, quer em cerâmica, da Europa mediterrânica com as da Europa central e setentrional, verificamos que é apanágio daquelas a molduração dos perfis em curvas e contracurvas, enquanto que estas nos apresentam modelos mais chãos

e lineares. A franca centena de garrafas e frascos-cabaça de Sta. Clara-a-Velha corresponde ao primeiro deste modelos.

A mais antiga referência bibliográfica que conhecemos a um frasco-cabaça data de 1954: Jaroslav Vávra apresenta o desenho de uma lamparina fatimida em vidro, do século X ou XI, inserida numa armação, ou *monture*, metálica, de cuja exígua abertura sai um pavio (Vávra, 1954, p. 52, fig. 62).

A diferença que existe entre o *omom* ou *qumqum* islâmico e as «formas-cabaça» consiste tão só na expansão da pança superior, no alargamento da abertura e na adição de um bordo em aba (Fig. 4d); as panças globulares caneladas das garrafas em forma de funil, desprovidas de colo, (Figs. 4b-c e 5c) respondem ao mesmo gosto, assim como os requebros formais das garrafas caneladas de dupla pança e de duplo colo (Fig. 4e e Est. IV/6); existe mesmo um frasco-cabaça incolor cujo bordo ondulante sugere verdadeiramente um exemplar de Arte Nova *avant-la-lettre*.

Na Catalunha e nas Baleares, áreas fulcrais em termos de produção de vidro medieval e renascentista dado que, até pela sua situação geográfica, beneficiaram de intensos e permanentes contactos com os mundos bizantino e islâmico, o contentor-cabaça foi de uso corrente e produzido tanto em pequenos como em grandes formatos, tal como atestado em fontes escritas desde o início do século XV e por todo o século XVI (Gudiol Ricart, 1936, p. 41, 45, 49 e 66-68).

Muitos paralelos podem ser aduzidos para fundamentar a filiação da panóplia de contentores para líquidos desta família de formas no repertório dos seus homólogos islâmicos. Em última análise, todas essas formas contorcidas fazem pensar em formas orgânicas que podem ter persistido desde a época da dominação muçulmana, ou então cuja memória continuou a ser alimentada pelas relações, a bem dizer nunca extintas, entre Portugal e o Islão. Ou ambas as hipóteses.

Convém, todavia, reflectir sobre as alterações formais operadas sobre o *qumqum* que o transformaram no frasco-cabaça europeu. O alargamento da abertura ficou a dever-se ao facto de o utilizador europeu ser menos contido, porque menos requintado e mais perdulário, no dispêndio de perfumes, ou passou este tipo de recipiente a conter produtos diferentes? Não poucos frascos análogos têm sido estudados e classificados como «frascos de peregrino» (Antonaras, 2003, p. 199, fig. 1e, p. 201).

Pode admitir-se que, tal como se davam ao requinte de possuir *bains-d'oeil*, as Clarissas usassem os mesmos «perfumes» — leia-se «agoa de rosas», «agoa de malvas», «agoa de murta», e outras — que as mulheres da sociedade civil prezavam, mas tais frascos podem também ter contido água, quer água comum, quer benta localmente, quer água, azeite de lamparinas ou terra trazidos de mais longínquos lugares de culto da Cristandade. Futuras leituras das fontes escritas virão, quiçá, confirmar ou infirmar estas hipóteses.

Os colos dilatados em forma de anel, abaixo do bocal ou na base do colo (Figs. 4h-i, Est. IV/1 e Fig. 5b), as caneluras que decoram vertical ou obliquamente colos e panças violentamente esféricas (Fig. 4b), os bocais em forma de funil (Fig. 4b-c), o enorme número de asas virtuosamente trabalhadas à pinça e plissadas (Fig. 4j), os bicos que remetem para o imaginário histórico longínquo da Mesopotâmia (Fig. 5a) — quer dizer, para a herança da civilização sassânida (Est. IV/2) —, bem como certos espécimes que ilustram modalidades decorativas rebuscadas, preciosas e talvez inspiradas nos vasos *diatrete* romanos (Fig. 5h), por quanto se trata de revestir colos ou panças de redes vitreas, (Est. IV/3) (Carboni, 2001, p. 177, n.º 43b)<sup>8</sup>, são exemplo decisivo da natureza não-europeia, antes oriental, bizantina ou islâmica e, em certo sentido, exótica, das matrizes estéticas deste espólio.

Também fórmulas decorativas como as que ostentam os fragmentos da Fig. 5b-f têm as suas matrizes na vidraria da época áurea do Islão. Ao uso dos fios brancos opacos aplicados em relevo,

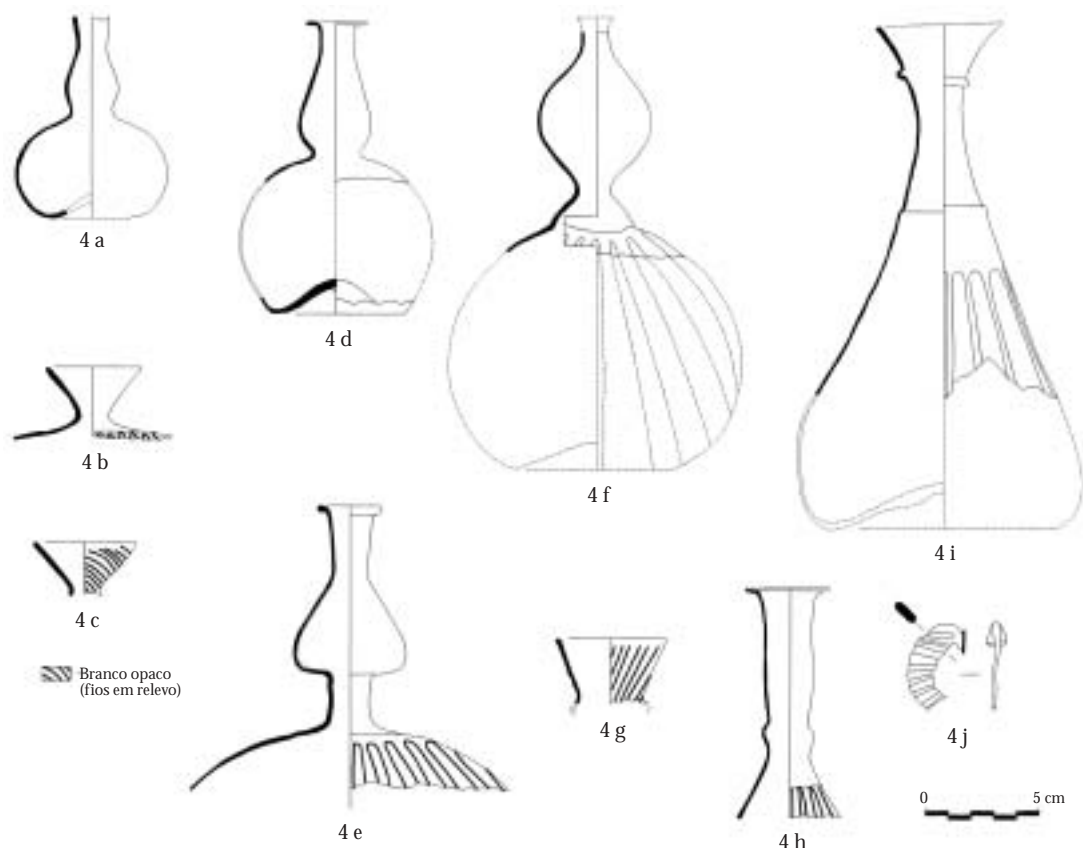


Fig. 4 Heranças islâmicas e produções europeias meridionais I. e) Garrafa – Est. IV/6; i) Garrafa – Est. IV/1.

linearmente (Fig. 4c) ou a *penne* (Fig. 5c-d e Est. IV/4) juntam-se a pintura polícroma (Fig. 5b) ou monocromática segundo padrões bem conhecidos e até já documentados em Portugal no século XVI (Fig. 5e e Est. IV/5) (Ferreira, 2003, p. 283 e p. 290, n.º 65 (Sintra) e a pintura a ouro, associada a esmaltes (Fig. 5f), à semelhança do praticado na Síria nos séculos XIII e IV. No caso da peça pintada a ouro moído, (Fig. 5g) notar-se-á o cordão aplicado em relevo em redor da parede, o qual, em última análise, faz com que a taça partilhe a mesma estética dos colos de garrafas dilatados em anel.

Ainda no que respeita à decoração, glosaram-se outras soluções ornamentais do Médio Oriente islâmico medieval, ainda que se tenha recorrido a procedimentos técnicos mais simples. É o caso dos fragmentos f, i e k da Est. I: os esmaltes, em lugar de terem sido engastados nas paredes, foram aplicados em relevo.

Finalmente, o vidro opaco vermelho lacre, por vezes com fios brancos opacos aplicados em relevo (Est. I/h), abundante sobretudo nos Sectores B', C' e D', é um produto característico do Médio Oriente e das regiões mesopotâmica e iraniana desde o advento da estética islâmica. A pinha da Fig. 5i pertence a um conjunto de fragmentos, entre os quais se conta um longo bico de um jarro, em vidro opaco vermelho lacre, ou *sang-de-boeuf red*, no dizer de Carboni, que publica fragmentos análogos da Síria, datados dos séculos VIII-IX; este tipo de vidro, a que Davidson chamou *opaque sealing-wax red*, viria a ser herdado, como os demais atestados em Corinto nos séculos XI-XII, pela Grécia bizantina, que a propagou ao Mediterrâneo ocidental (Síria: Carboni, 2001, p. 153, n.º 3.3a-h; Grécia: Davidson, 1940, p. 306 e 327, e fig. 19/53).

A extraordinária variedade que se observa no que toca à cor do vidro, só comparável à do espólio da vidraria bizantina de Corinto, cujos artesãos eram essencialmente egípcios, e a busca frequente do contraste entre o tom do fundo e a matéria adicionada com intuito ornamental, foram outros dos temas recorrentemente glosados pelos vidreiros islâmicos, no caso vertente patenteados pela vidraria da Idade Moderna exumada do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha.

Tanto no Império Otomano como mesmo ainda no século XX, no Egipto e na Turquia, continuaram a produzir-se formas de longa data de uso corrente, como é o caso das garrafas do tipo da ilustrada na Fig. 4i: escavações realizadas em Istambul revelaram exemplares deste tipo que datam dos finais do século XVI e do século XVII (Hayes, 1992, p. 410 e p. 418, figs. 156-158). Em Sta. Clara-a-Velha, estas garrafas estão documentadas por espécimes em vidro incolor ou tingido de verde, e em vidro vermelho acastanhado e azul-cobalto.

Se, por um lado, o declínio e subsequente dissolução do Império Muçulmano determinou que tivesse sido a Europa quem passou a abastecer de vidro de qualidade o Médio Oriente, pelo menos nos séculos XV e XVI, é igualmente certo que, como já salientámos noutra local a propósito de outras obras das Artes Decorativas, o século XVII foi uma centúria de intensíssimas relações diplomáticas e culturais, e portanto também comerciais, entre Portugal e a Turquia.

#### Catálogo / Fig. 4 – Heranças islâmicas e produções europeias meridionais I

- a) Frasco-cabaça. Bocal esvasado. Fundo cónico. Vidro transparente castanho claro (Methuen 7 D5), contendo numerosas minúsculas bolhas de ar e impurezas. Alt provável 94 mm Ø do fundo 44 mm C'5 Q. I Terra negra 2.4.96.
- b) Frasco. Bocal em forma de funil. Pança esférica decorada, por sopragem em molde, por caneluras, sendo observável a costura que a une ao bocal. Vidro transparente verde pastel (Methuen 28 A4), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 42 mm. Interior do tanque do claustro 30.1.97.
- c) Frasco. Bocal em forma de funil decorado por finos fios espiralados brancos opacos aplicados em relevo. Vidro transparente incolor. Ø 45 mm A1 Q.I 18.6.96.
- d) Frasco-cabaça. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Bordo rematado por aba horizontal. Vidro transparente azul acinzentado (Methuen 22 D5), contendo numerosas minúsculas bolhas de ar, impurezas e estrias da sopragem. Alt. provável 128 mm Ø do fundo 61 mm Ø do bocal 27 mm D'7 Q. IV Exterior Oeste do lavabo Lodo 23.5.97.
- e) Frasco-cabaça. Colo mediano entre o contentor superior, de forma troncocónica e rematado por um bordo em pequena aba horizontal, e o contentor inferior, em forma de pança esférica. Pança decorada, por sopragem em molde, por caneluras verticais. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 B5), contendo impurezas. Ø 26 mm. Sector 42 Sondagem 41 Ala Oeste do claustro Terra negra Cota 13.69 Q. 15 Peça 57A 12.6.2000.
- f) Garrafa em forma de cabaça. Contentor inferior em forma de pança verosimilmente esférica, decorada, por sopragem em molde, por caneluras verticais. Vidro transparente vermelho acastanhado (Methuen 8 C4), repleto de minúsculas bolhas de ar. Alt. provável *circa* 180 mm. D'3 Q. III Junto à estrutura rectangular Lodo 17.12.96.
- g) Garrafa. Bocal em forma de funil sublinhado por uma dilatação em anel. Decorado, por sopragem em molde, por caneluras oblíquas, inclinadas para a esquerda. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 26 A2), contendo minúsculas bolhas de ar, irisado. Ø 48 mm. B'1 Q. II Terra negra 29.2.96.



- b) Garrafa. Colo alto, rematado por bordo em pequena aba oblíqua, e dilatado em anel junto à base. Ombro sugerindo pança decorada, por sopragem em molde, por caneluras verticais, sendo observável a costura que o une ao colo. Perfis assimétricos. Vidro transparente verde pálido (Methuen 29 A3), contendo algumas bolhas de ar de pequena dimensão. Ø 34 mm. G'3 Q. III e Q. IV Sala A 10.4.97.
- i) Garrafa. Bocal em forma de funil. Colo alto côncavo. Pança periforme decorada, por sopragem em molde, por caneluras verticais, sendo observável a costura que a une ao colo. Perfis assimétricos. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 B4), contendo numerosas minúsculas bolhas de ar. Alt. provável 220 mm Ø 51 mm. D'3 Q. II Exterior da Estrutura Lodo 17.12.96.
- j) Asa plissada. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 D5). C'1 Q. II-III Terra negra 8.7.96.

### Catálogo / Fig. 5 – Heranças islâmicas e produções europeias meridionais II

- a) Jarro (?). Colo cilíndrico dotado de bico. Vidro transparente incolor (colo) e vermelho mate (Methuen 10 D4) (bico e fio aplicado em relevo no rebordo). Ø 72 mm C'3 Q. II-IV Terra negra 29.10.96.
- b) Jarrinho. Bocal em forma de funil limitado por uma dilatação em anel. Pança periforme (?). Asa de fita. Decorado por pontos sobre o circular e pinceladas ovaladas de cores branco opaco, azul-turquesa acinzentado (Methuen 24 C4) e vermelho acastanhado (Methuen 10 D6). Vidro transparente amarelo azeitona (Methuen 3D6), contendo raras minúsculas bolhas de ar. Ø 25 mm. C'5 Q. II Terra negra 17.5.96.
- c) Frasco. Bocal troncocónico. Ombros rectos e corpo troncocónico (?). Decoração de festões branco opaco espessos aplicados, em dois registos horizontais, no colo e nos ombros. Vidro transparente azul-escuro (Methuen 20 D7). Ø 21 mm. A1 Q. II Junto à parede 19.8.96.
- d) Fragmento do colo e do ombro de um frasco ou de uma garrafa. Decoração *a penne* de cor branca opaca encimada por fios paralelos horizontais da mesma cor. Vidro transparente azul claro (Methuen 23 B4). C'3 Q. I-II Lodo 28.1.97 e C'3 Q. II-IV Terra negra 4.11.96 (3 fragmentos).
- e) Fragmento de parede curva de um vaso (taça?) decorada por colunas verticais paralelas de pequenos traços de cor vermelha acastanhada (Methuen 10 D6) aplicados em relevo. Vidro transparente azul acinzentado (Methuen 22 C5). G'5 Q. I-II Sala C Crivo 21.10.97.
- f) Fragmento de parede curva de um vaso (taça?) de bordo tubular sublinhado por um cordão horizontal azul acinzentado (Methuen 21 C6). Copa decorada por um registo horizontal de pingos de cor branca opaca aplicados em ténue relevo e por um segundo registo, igualmente horizontal, de ovais pintadas a verde acinzentado (Methuen 28 B5) e contornadas a ouro. Vidro transparente incolor leitoso. O fragmento não permite restituir o diâmetro. D'7 Q. IV Lavabo Sob derrube 5.6.97.
- g) Taça. Copa hemisférica. Cordão aplicado em relevo abaixo do bordo. Decorada a ouro moído. Vidro transparente incolor ligeiramente esverdeado. Ø 102 mm A1 Q1 Camada com cerâmica 3.8.96.
- h) Malha ornamental (de colo ou pança de frasco ou garrafa?) em forma de zigzagues contínuos. Fios de vidro estirados e trabalhados à pinça. Vidro transparente violeta acastanhado (Methuen 11 D6). Ø provável 330 mm. B'5 Q. III Terra negra 25 e 29.4 e 8. 5. 96 (3 fragmentos).
- i) Ornato em forma de pinha. Vidro opaco vermelho lacre (Methuen 9 D8). Alt. 22mm. E'3 Q. III 7.2.97.

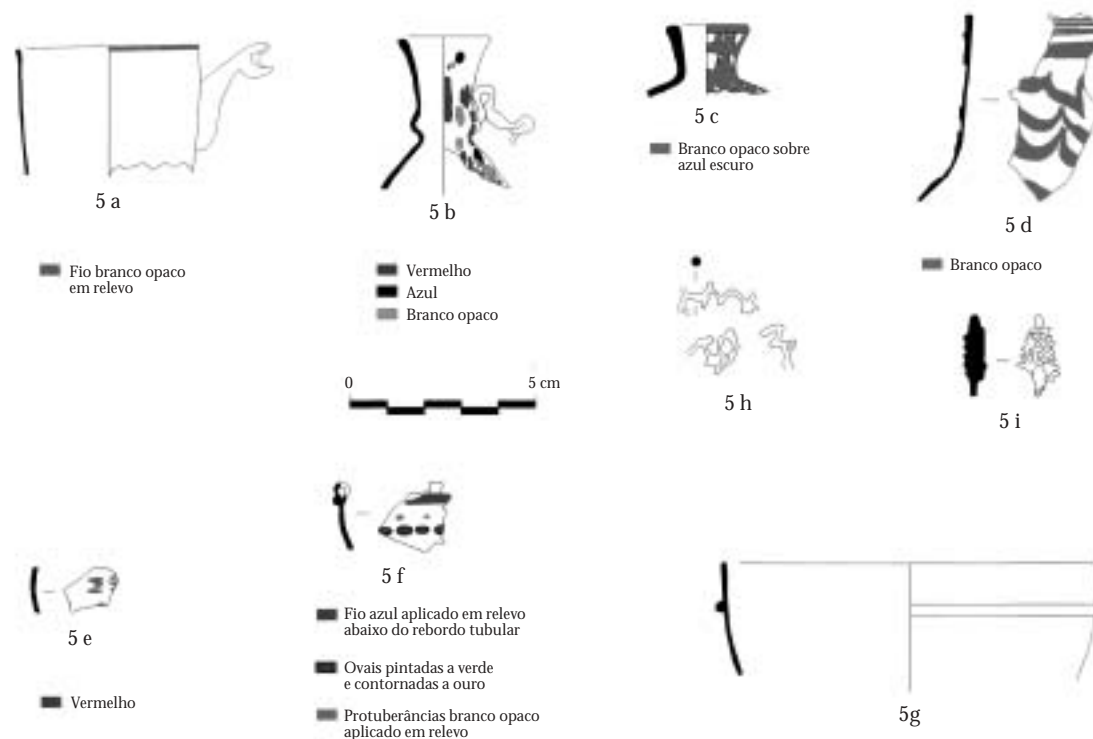


Fig. 5 Heranças islâmicas e produções europeias meridionais II. a) Jarro com bico roxo - Est. IV/2; d) Parede, motivo *a penne* - Est. IV/4; e) Parede azul + vermelho - Est. IV/5; h) Malha ornamental roxa - Est. IV/3.

## D - Testemunhos de relações com outras regiões europeias (Fig. 6)

O sentimento de estranheza, invulgaridade e ausência de coincidência com os padrões de gosto da Europa meridional que experimentamos ao observar copos da Idade Moderna, para a ingestão de líquidos, como são os *Krautstrünke*, os *Römer*, os *Nuppenbecher* e os *Stangengläser*, torna mais apreciável o aparecimento, em Sta. Clara-a-Velha, de um fragmento de parede em vidro verde adornado por uma protuberância em relevo da mesma matéria e tonalidade (Fig. 6a).

Característicos e específicos da região que vai da Boémia, a Este, aos Antigos Países Baixos, a Oeste, estes copos chegaram todavia a outros países, como o Norte da França de influência renana (Boémia: Schütte, 1976, p. 112; Inglaterra: Charleston, 1977, p. 290 e fig. 4; Antigos Países Baixos: Vandenberghe, 1982, p. 139 e fig. 1/19; França: Cabart, 1990, p. 319), sendo raros em Portugal e em Inglaterra (Inglaterra: Willmott, 2003, p. 54, fig. 47). Em Portugal, o único exemplar análogo proveio do castelo de Pombal e encontra-se conservado no Museu Nacional de Machado de Castro. Sendo embora o seu contexto estratigráfico desconhecido (Ferreira, 1989, p. 39 e fig. 2/c e p. 46, fig. 4/3), é uma peça a que vêm juntar-se novos testemunhos do uso de vidro dos Antigos Países Baixos e de Inglaterra, a saber, os copos soprados em molde com o motivo «de bago de arroz» (Fig. 6 b-c) ou suas variantes (Fig. 7 d-d'), comuns na Europa do Noroeste dos finais do século XVI para o século XVII (Países Baixos: Vandenberghe, 1982, p. 139, fig. 1/9; Inglaterra: Charleston, 1977, p. 290, fig. 4). Estão já documentadas em Portugal as modalidades da Fig. 6b-c (Ferreira, 1989, p. 39, fig. 2c, 1993, p. 423-424, fig. 2/23), para além do exemplar de Sta. Clara-a-Velha, com «decoração azul» (Est. I/c).

Os motivos dos fragmentos da Fig. 6i e 6j correspondem igualmente a copos da tradição dos países da Europa central e do Noroeste (República Checa: Sedláčková, s.d. [1998], p. 67, n.º 403; Inglaterra: Fryer e Selley, 1997, p. 194-195 e p. 204, fig. 35/45), de resto copiosamente representados na pintura de género do século XVII dos Países Baixos.

Também o motivo de pingos repuxados à pinça que ostentam os fragmentos k-m da Fig. 6 é um padrão de além-Alpes (Vandenbergh, 1982, p. 141 e p. 136, fig. 2/23), embora as escavações do Teatro Romano tenham trazido à luz, em 1990, um copo de fundo cónico e paredes cilíndricas levemente esvasadas, assim decorado, que data do século XVIII. Também na Rua da Judia-ria, em Almada, foi recentemente descoberto um exemplar idêntico.<sup>9</sup>

Quanto aos mui comuns padrões de losangos (Figs. 6j, 14c e Est. I/u), para além dos ainda medievalóides da Fig. 2, dos quais diferem os dos séculos XVI e XVII, encontramos-os naturalmente em Itália, mas também por toda a França (Orleães, Paris), na Bélgica, na França, em Espanha e em Inglaterra, de onde provêm os paralelos mais semelhantes aos da Fig. 6e-h (França: Barrera e Petit, p. 352 e 355, fig. 8; Barrera, 1987, p. 346, fig. 2/226; Bélgica: Barrera, 1987, p. 350; Espanha: Gudiol Ricart, 1936, est. 75A e B e 87A e B; Inglaterra: Moorhouse, 1971, p. 64 e 65, fig. 27/5).

A águia bicéfala é símbolo das coroas da Rússia e da Áustria, mas o facto é que ela surge em Portugal como motivo ornamental de têxteis, e convertida em pássaros muito semelhantes a águias, nas colchas de Castelo Branco do século XVII (Pinto, 1993, p. 31, 35 e 80). Assim, a presença neste espólio do fundo de um vaso que ostenta uma águia bicéfala gravada a ponta de

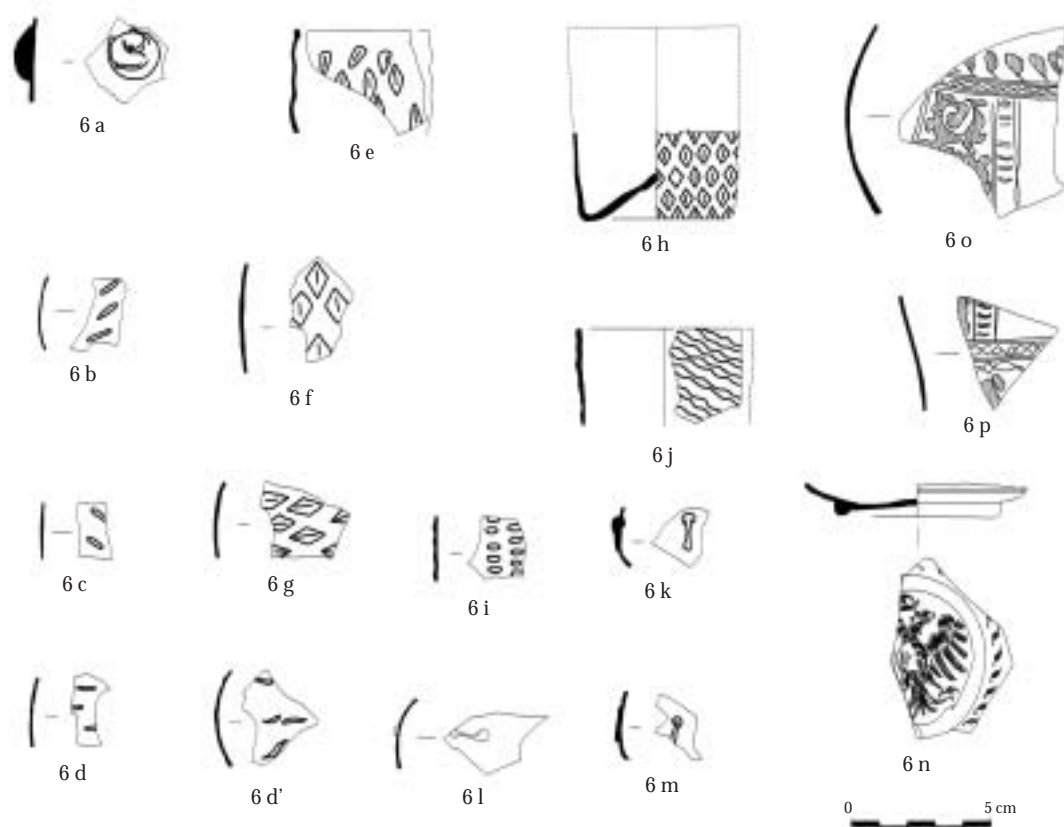


Fig. 6 Testemunhos de relações com outras regiões europeias. n) Fundo com águia bicéfala – Est. V/1; o) Parede com gravura a ponta de diamante – Est. V/2.

diamante (Est. V / 1 e Fig. 6n) pode ser explicada por uma diversidade de razões decorrentes do facto de todos os monarcas da dinastia filipina (1580-1640) terem desposado princesas austríacas.

Curioso é também verificar que importantes fragmentos aparentemente pertencentes ao vaso em questão apresentam composições decorativas que, muito embora tenham ainda sido gravadas a ponta de diamante em *crystallo*, prenunciam já a gramática decorativa setecentista (Est. V / 1-2 e Fig. 7n-o). Tais ensaios de um novo repertório ornamental surgiram no Sector H'3 e remetem para esquemas ornamentais oriundos da Boémia, quer os exemplares em questão tenham, ou não, sido gravados e exportados dessa região.<sup>10</sup>

### Catálogo / Fig. 6 – Testemunhos de relações com outras regiões europeias

- a) Fragmento de parede recta ( de copo?). Decorado com protuberância mamilar aplicada em relevo. Vidro transparente verde turquesa (Methuen 25 A5). G'5 Q. I 13.2.97.
- b) Fragmento de parede curva. Decorado com o motivo de «grão de arroz» inclinado para a esquerda, impresso por sopragem em molde. Vidro transparente incolor ligeiramente tingido de verde. B'1 Q. II Terra negra 14.4.96.
- c) Fragmento de parede recta ( de copo?). Decorado com o motivo de «grão de arroz» inclinado para a direita, impresso por sopragem em molde. Vidro transparente incolor. B'1 Q. IV Terra negra 3.5.96.
- d) Fragmento de parede quase recta (de copo?). Decorado com o motivo de «grão de arroz» disposto na horizontal, impresso por sopragem em molde. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 B5). B'1 Estrutura 7 Terra negra 27.1.96.
- d') Fragmento de parede curva. Decorada, por sopragem em molde, por pequenas bossas alongadas, em forma de lágrima. Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 2 B4). C'1 Q. I-III Terra negra 21.6.96.
- e) Copo. Paredes cilíndricas Decorado, por sopragem em molde, por um padrão irregular de losangos. Vidro transparente castanho avermelhado (Methuen 7 E6), contendo muitas bolhas de ar. Perfis irregulares. Ø 46 mm D'1 Q. II 2.6.97.
- f) Fragmento de parede quase recta (de copo?). Decorado, por sopragem em molde, por um padrão de losangos. Vidro transparente incolor ligeiramente tingido de verde, contendo bolhas de ar. B'5 Estrutura 4 Q. IV Terra negra 3.2.96.
- g) Fragmento de parede curva (de taça?). Decorado, por sopragem em molde, por um padrão de losangos dispostos na horizontal. Vidro transparente incolor ligeiramente tingido de verde. B'3 Q. IV Terra negra 12.3.96.
- h) Copo. Paredes cilíndricas. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Decorado, por sopragem em molde, por um padrão regular de losangos. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 B4), contendo algumas bolhas de ar, irisado. Ø 51 mm G'1 Q. II Sala A 15.4.97.
- i) Fragmento de parede recta (de copo?). Decorado, por sopragem em molde, por filas verticais de pequenas bossas ovaladas. Vidro transparente verde pálido (Methuen 26 A3), contendo minúsculas bolhas de ar. B'3 Q. IV Terra negra 30.3.96.
- j) Copo. Paredes cilíndricas. Decorado, por sopragem em molde, por cordões sinuosos, oblíquos e paralelos. Vidro transparente incolor muito ligeiramente tingido de verde, muito irisado. Ø 62 mm D'5 Q. IV 3.2.96.

- k) Fragmento de parede curva (de copo?). Decorado por pingos repuxados, a quente, com a pinça de vidreiro. Vidro transparente incolor muito ligeiramente tingido de verde, com estrias da sopragem. B'1 Q. IV Terra negra 13.4.96.
- l) Fragmento de parede curva (de copo?). Decorado por pingos repuxados, a quente, com a pinça de vidreiro. Vidro transparente incolor muito ligeiramente tingido de verde, com estrias da sopragem. B'5 Q. III Terra negra 13.4.96.
- m) Fragmento de parede curva (de copo?). Decorado por pingos repuxados, a quente, com a pinça de vidreiro. Vidro transparente incolor muito ligeiramente tingido de verde, com estrias da sopragem. B'5 Q. III Terra negra 12.4.96.
- n) Base anelar de vaso (jarra?). Decorado por gravura a ponta de diamante. Águia bicéfala no fundo exterior; folhagem estilizada e traços paralelos horizontais na parte baixa da parede. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 58 mm A1 Q. I 22.7.96.
- o) Fragmento de parede curva de vaso decorado a ponta de diamante. Decorado por folhagem estilizada sob a qual, entre traços paralelos horizontais, corre uma cadeia; abaixo deste registo, a parede é seccionada, na vertical, por linhas verticais paralelas, dentro das quais foram riscadas curtas linhas horizontais, aos pares, determinando reservas que contêm um motivo vegetalista estilizado. Vidro transparente incolor, irisado. H'3 Q. I 3.4.97.
- p) Fragmento de parede curva de vaso decorado a ponta de diamante, muito provavelmente pertencente ao descrito na alínea o. Vidro transparente incolor, irisado. H'3 Q. II 3.4.97.

## **E – Encontro de tradições I – ante 1680: o *crystallo* com «decoração branca» (Figs. 7 e 8)**

Como a Itália, o Sul da França e, em Espanha, a Andaluzia e a Catalunha, em especial, Portugal foi pois, durante o período de ocupação do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha documentado pelo espólio em análise, ponto de encontro de diferentes tradições.

Senhores da produção de vidro após o declínio do Islão e até a finais do século XVII (1670-1680 é a década do nascimento, em Inglaterra, do *flint glass* ou *lead glass*, quer dizer, do vidro em cuja composição entra uma considerável percentagem de chumbo), os mestres vidreiros de Murano levaram à excelência a sua arte e dominaram o mercado europeu renascentista.

A despeito da clausura a que a República de Veneza obrigou, confinando-os na ilha de Murano, os artífices do vidro, os segredos da tecnologia veneziana lograram ultrapassar os Pirenéus, dando origem àquilo a que viria a ser dada a designação, hoje consagrada e reconhecida por todos os especialistas do vidro, de *façon de Venise*.

O *crystallo* que ostenta decoração branca opaca (Fig. 7), o *crystallo* gravado a ponta de diamante (Fig. 9i) e as peças ornamentadas por adição de matéria moldada figurativa (Fig. 9a-b) (pastilhas em forma de amora) e Fig. 9c-d (pastilhas com máscara de leão), são talvez os três tipos mais característicos da produção do vidro de Murano que se encontram presentes neste espólio vítreo.

A asa da Fig. 9b foi ornada por uma pastilha em forma de amora; esta e uma outra asa do mesmo modelo, também em vidro transparente incolor (G'7 Q. I Sala D Crivo 21.11.97), atesta a existência de vasos tipologicamente diversos, em *crystallo*, com o mesmo tipo de elementos de preensão.

O vidro filigranado foi uma das técnicas cuja imitação foi pressurosamente ensaiada em regiões e países europeus distantes de Veneza. Ainda que frequentemente os resultados se tenham traduzido em produtos esteticamente satisfatórios, eles ficaram tecnicamente muito aquém da mestria evidenciada pelos artífices venezianos.

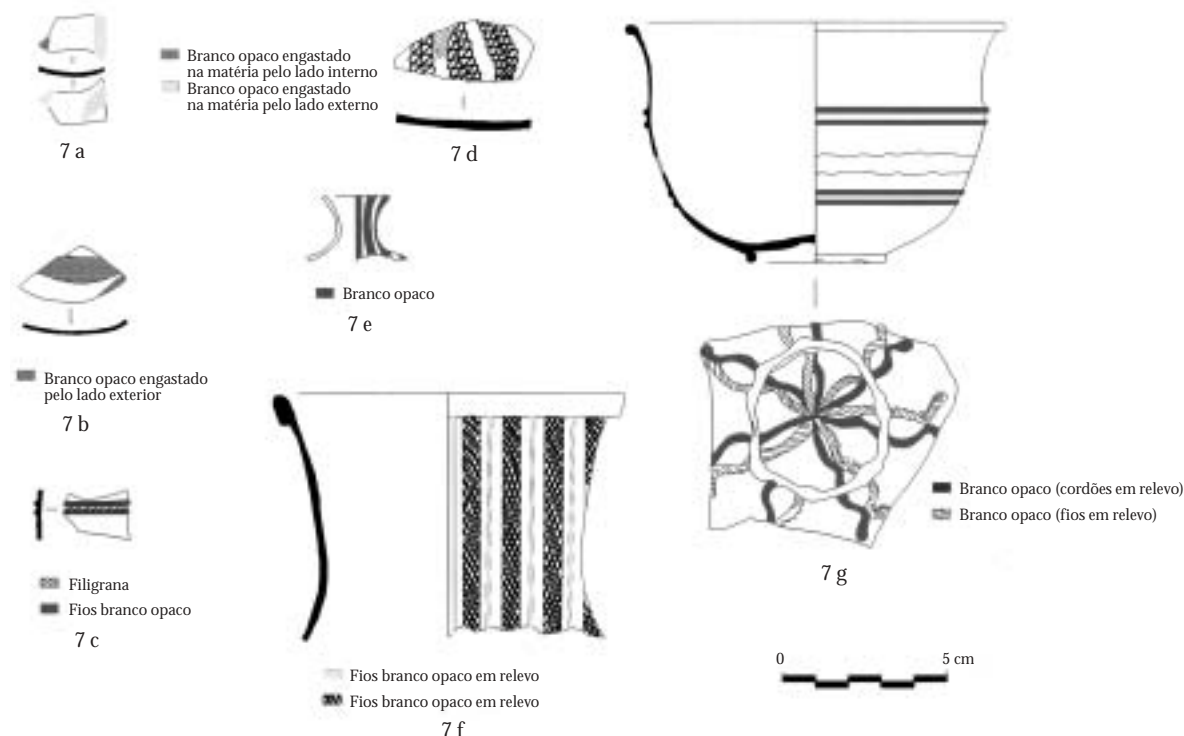


Fig. 7 Encontro de tradições I - ante 1680: o *crystallo* decorado a branco. d) Parede com *mezza filigrana* - Est. V/3; g) Fundo de taça com *laticinio* - Est. V/4.

Técnica inventada num momento compreendido entre os anos de 1525 e 1549, e que consiste na inclusão, no interior das paredes dos vasos, de finíssimas canas de vidro que, a fim de contrastarem com o *crystallo* transparente incolor, foram inicialmente opacas brancas, o vidro filigranado genuíno rapidamente foi substituído por modalidades ornamentais menos exigentes e susceptíveis, ainda assim, de conduzir a resultados estéticos análogos (Fig. 7f-g)

As dificuldades de execução do vidro filigranado, bem como a opção por fórmulas imitativas mais fáceis de executar estão particularmente bem documentadas pelo vidro catalão e pelo do então Reino de Leão e Castela. O espólio vitreo de Sta. Clara-a-Velha espelha essa mesma tendência e poucos foram os exemplares de aparente vidro filigranado que resistiram ao exame à lupa binocular (Est. I / d e Fig. 7a-c)

A maior parte do vidro que ostenta a «decoração branca» apresenta, de facto, uma das seguintes modalidades ornamentais:

- a *mezza filigrana*, ou *marvered filigree*, técnica que engasta só superficialmente as canas, ou varetas, na superfície do vidro, quer se trate de obter o efeito *a fili*, ou os efeitos *a reticello*, *a reticolato*, *a retorti* (Fig. 7d) ou, ainda, a conjugação de vários efeitos, como no *vetro filigranato* autêntico (Fig. 8);
- o *laticinio*, que consiste na aplicação, em relevo, de fios ou cordões (no fundo idênticos às canas), (Fig. 7c, f-g) ou, simplesmente, na pintura de faixas branco opaco na superfície do vidro (Fig. 7e)

É provável que, tal como os vidreiros catalães, os vidreiros nacionais – admitindo que podemos estar em presença de vidraria de produção local – tivessem dificuldade em executar a técnica

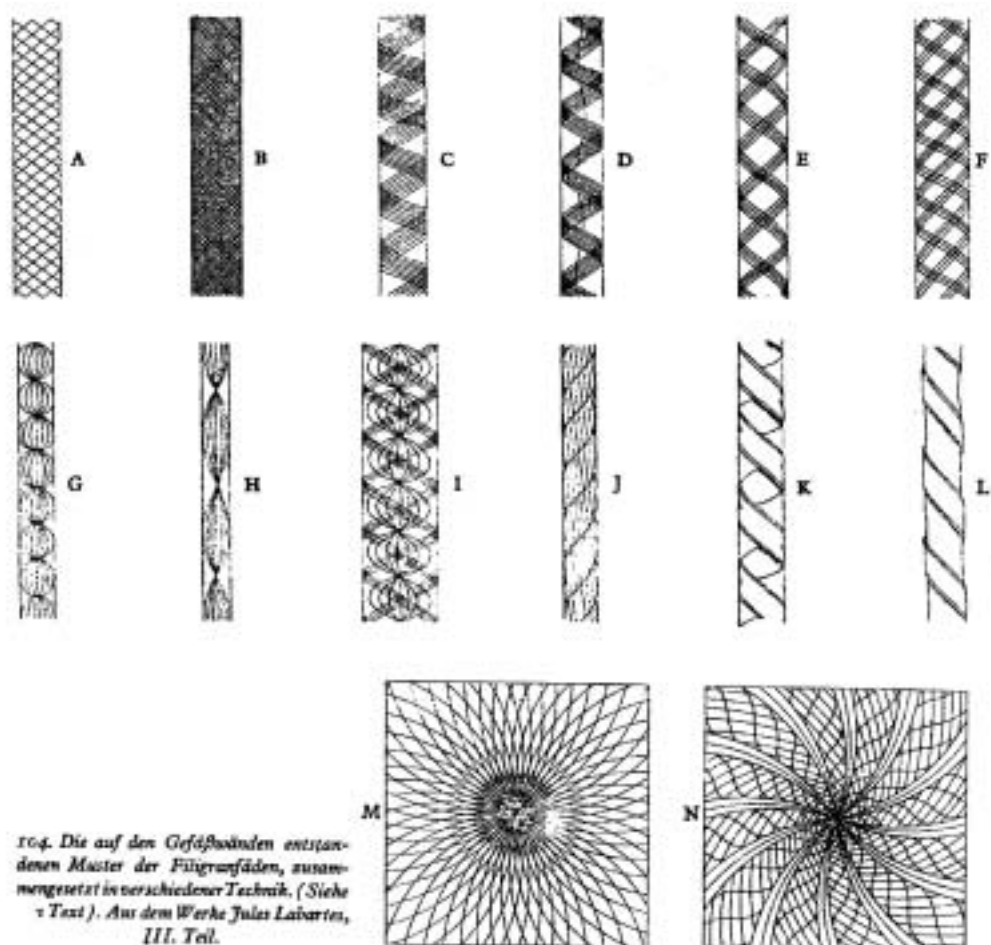


Fig. 8 Modalidades de vidro filigranado segundo J. Vávra. Tipos de filigrana, segundo Jules Labartes (circa 1850), in Vávra (1954).

do vidro filigranado tal como era praticada em Murano no século XVI, optando pelas técnicas substitutivas menos exigentes (Gudiol Ricart, 1936, p. 50, 56 e 87; Frothingham, 1963, p. 41). Ainda assim, foi encontrada (Sector B'3 Q. IV) uma fina vareta de vidro incolor, ao redor da qual se enrola um fio branco opaco, que pode sugerir uma tentativa de executar filigranas genuínas.

## F – Encontro de tradições II – ante 1680: ainda o *crystallo* (Fig. 9)

Os elementos figurativos moldados essenciais são os cabuchões. Eles revestem quer a forma de amora (Fig. 9a-b), quer a forma de máscara de leão (Fig. 9c-d), o animal que é o símbolo do evangelista S. Marcos, patrono de Veneza. Ornamentam asas, pés de cálices e, também, paredes de outros tipos de vasos. Por toda a Europa se encontram estes dois tipos de pastilhas, seja nos copos germânicos (Newman, 1977, p. 264 e 335; Cabart, 1990, p. 317 e 319), seja em vasos de formas caprichosas da Catalunha (Frothingham, 1963, est. 14b).

O pedúnculo da tampa de um *hanap* – copo de pé coberto – (Fig. 9k), oriundo do Sector A1, é peça que nunca é anterior ao século XVI; as várias bases discóides, com ou sem botões de ligação às copas, (Fig. 9e-h) e uma outra gravada a ponta de diamante, (Fig. 9i) constituem, com a asa

plissada da Fig. 9l, de resto análoga à da Fig. 3g (esta em porcelana de vidro), um conjunto homogêneo representativo, em Sta. Clara-a-Velha, de uma *façon de Venise* que foi partilhada por toda a Europa.

A sopragem em moldes de padrão foi modalidade decorativa extremamente frequente no século XVII, porque muito arreigada no gosto do consumidor desde a Idade Média, tendo embora caído em relativo desuso no início da Renascença.

Apesar de muitos copos troncocónicos terem sido descobertos não só em Itália como em outros países do Sul, incluindo Portugal, e concretamente em Sta. Clara-a-Velha, o cálice foi o vaso de beber preferido, no Sul, na Renascença. Muitas das copas apresentam padrões. O elenco destes é muito variado. Boldrini e Mendera publicaram um quarteirão deles num artigo sobre o consumo do vidro de uso comum no século XVI na Toscana (Boldrini e Mendera, 1994, p. 507, est. IV; Berti, Ciampoltrani e Stiaffini, 1994, p. 564-566 e p. 568, fig. 10/18). Em Sta. Clara-a-Velha, foram encontradas numerosíssimas copas de cálices caneladas como a do exemplar da Fig. 9f, mas também copas de cálices ostentando outros motivos. O da Fig. 9j corresponde ao padrão II E de Boldrini e Mendera. Está documentado em Itália noutros contextos da Renascença tardia e, na mesma época, na República Checa (Sedláčková, s/data [1998], p. 26 e 54, n.º 72).

A asa da Fig. 9l corresponde também à tradição italiana. Encontra-se particularmente bem documentada pela vidraria catalã dos séculos XVI e XVII (Gudiol Ricart, 1936, est. 19, 25, 28, 31C, 64, 65A, 78).

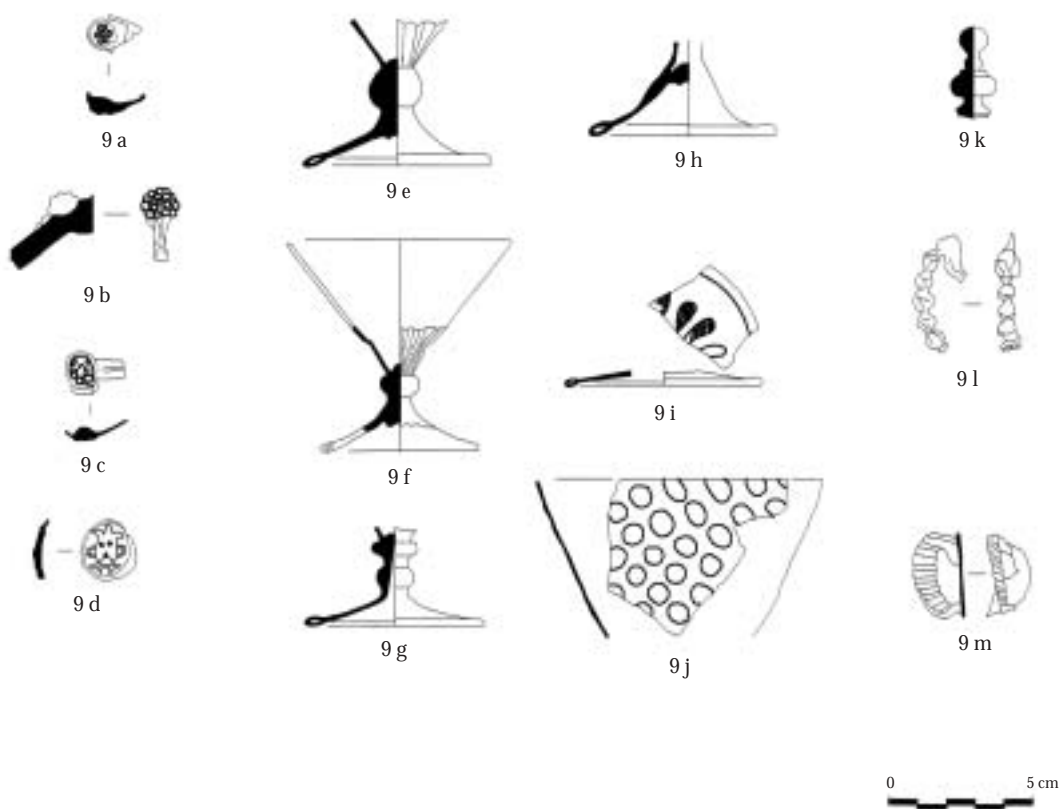


Fig. 9 Encontro de tradições II - ante 1680: ainda o *crystallo*.



**Catálogo / Fig. 7 - Encontro de tradições I - ante 1680: o cristallo com «decoração branca»**

- a) Fragmento curvo de parede. Vidro transparente incolor filigranado: duas faixas brancas opacas foram engastadas na parede, uma pelo lado interno e outra pelo lado externo. A1 Q. I 23.7.96.
- b) Fragmento curvo de parede. Vidro transparente incolor filigranado: uma faixa branca opaca foi engastada na parede pelo lado externo A1 Q. II Cota 14.38 5.7.96.
- c) Fragmento curvo de parede. Vidro transparente incolor filigranado *a fili* (canas oblíquas centrais) e ornado a *latticinio* por fios brancos opacos horizontais paralelos aplicados em relevo. A1 Q. II Cota cerâmica 16.8.96.
- d) Fragmento curvo de parede. Vidro transparente incolor decorado por *mezza filigrana a retortoli*. G'5 Q. II 18.2.97.
- e) Frasco. Bocal em forma de funil. Vidro transparente incolor decorado, a *latticinio*, por faixas brancas opacas pintadas pelo lado exterior. Ø 20 mm A1 Q. I Cota cerâmica 5.8.96.
- f) Jarra (?). Bordo engrossado pela dobragem do rebordo sobre a parede externa. Colo côncavo. Vidro transparente incolor decorado, a *latticinio*, por fios brancos opacos dispostos, segundo o tipo da filigrana *a reticello*, em relevo, alternados por fios igualmente opacos brancos, segundo o tipo da filigrana *a fili*, igualmente em relevo, todos na vertical. Ø 108 mm C'3 Q. II Terra negra 4.3.96.
- g) Taça. Pé anelar constituído por um cordão de vidro branco opaco. Fundo ligeiramente reentrante ostentando marca de pontel. Parede sobre o hemisférico. Bordo esvasado e rebordo engrossado pelo lado externo. Vidro transparente incolor, irisado. Decorada por decoração a *latticinio* segundo o tipo da filigrana *a fili*. Alt. provável 70 mm Ø da abertura 116 mm Ø da base 42 mm A1 Q. II Banquete 13.8.96.

**Catálogo / Fig. 9 - Encontro de tradições II - ante 1680: ainda o cristallo**

- a) Fragmento curvo de parede. Decorada por pastilha em forma de amora aplicada em relevo. Vidro transparente incolor, muito irisado e opacificado pela alteração da matéria. D'7 Q. IV Exterior Oeste do Lavabo, sob derrube 6.6.97.
- b) Asa de rolo. Decorada por pastilha em forma de amora aplicada em relevo. Vidro transparente incolor. A1 Q. II 29.11.01.
- c) Fragmento curvo de parede. Decorada por pastilha em forma de máscara de leão. Vidro transparente incolor opacificado pela alteração da matéria. D'7 Q. IV Exterior Oeste do muro do Lavabo Lodo S/ data.
- d) Fragmento curvo de parede. Decorada por pastilha em forma de máscara de leão. Vidro transparente incolor leitoso. C'1 Q. I-II Terra negra 9.7.96.
- e) Pega de tampa em forma de pináculo arredondado encimando um botão moldurado. Vidro transparente incolor ligeiramente acinzentado. A'1 Q. III Camada com cerâmica 31.7.96
- f) Cálice. Base discóide ostentando marca de pontel. Botão unindo a base à copa decorada, por sopragem em molde, por finas caneluras verticais. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 B4), contendo raras bolhas de ar e estrias da sopragem. E'7 Q. II Exterior do Lavabo, e sob derrube 20.6.97.
- g) Cálice. Base discóide de rebordo tubular obtido por *refoulement*. Duplo botão unindo a base à copa. Vidro transparente incolor contendo bolhas de ar, irisado. Ø 62 mm E'7 Q. II Lodo 13.2.97.

- h) Cálice. Base discóide, de rebordo tubular obtido por *refoulement*, ostentando marca de pontel. Perfis assimétricos. Vidro transparente incolor contendo numerosas minúsculas bolhas de ar, irisado. Ø 65 mm B'5 Estrutura 4 Terra negra 24.1.96.
- i) Cálice. Base discóide, de rebordo tubular obtido por *refoulement*. Decorado, por gravura a ponta de diamante, por motivos foliáceos estilizados. Vidro transparente incolor. Ø 70 mm E'9 Q. IV e F'9 Q. I 17.4.97.
- j) Copa de cálice. Decorada, por sopragem em molde, por um padrão de bossas arredondadas dispostas em linhas oblíquas. Vidro transparente incolor tingido de verde. Ø 100 mm D'5 Q. II 5.2.97.
- k) Asa plissada com a pinça de vidreiro. Vidro transparente incolor. C'1 Q. I-III Terra negra 21.6.96.
- l) Fragmento de parede rectilínea com asa de orelha, plissada com a pinça de vidreiro. Vidro transparente incolor. B'5 Estrutura 4 Terra negra 23.1.96.

### G – Encontro de tradições III – *ante 1680: varia* (Fig. 10)

O vidro *millefiori*, de que extraímos, do espólio de Sta. Clara-a-Velha, um exemplo de imitação bastarda, que nem por isso deixa de ser encantador, (Est. I/s) não é o melhor exemplo de um produto vidreiro que, tendo claramente como referente os vidros *murrhina* romanos, de Veneza tenha alastrado ou sido produzido, em larga escala, por toda a Europa (Newman, 1977, p. 29-30);<sup>11</sup> tão pouco o são, ainda que pareça ter sido uma vidraria um pouco mais praticada pelos mestres vidreiros venezianos do que o vidro *millefiori* e, de resto, anterior a este, os vidros opacos com pintura policroma tendentes a imitar pedras semipreciosas como a aventurina (Drahotová, 1984, p. 47, fig. 21 e Newman, 1977, p. 30) ou a calcedónia (Newman, 1977, p. 56), preciosa produção igualmente representada em Sta. Clara-a-Velha, embora o estado do material não tenha permitido, até à data, determinar formas (Est. I/x)

Dos quatro recipientes aqui agrupados, aquele que, nascido em Itália, mais se generalizou na Europa, tendo a sua forma sido pedida emprestada pela vidraria à cerâmica, numa fase em que havia já perdido as asas que o caracterizavam ainda no século XIV, foi o *albarello* (Fig. 10a) Encontro-lo entre a vidraria inglesa de meados do século XVI a meados do século XVII; em França, está documentada pelo material do século XVII das escavações da *Cour Napoléon* e, no Leste deste país, está datado de meados do século XVI (Inglaterra: Willmott, 2002, p. 97-98, fig. 131b; França: Barrera, 1993, p. 367-68, figs. 92-93; Cabart, 1990, p. 318). Ademais, surge na iconografia azulejar portuguesa: num painel da Igreja da Misericórdia de Évora, embora tardio (século XVIII), vê-se, no interior de uma botica, uma prateleira em que se encontram o que já então se designava por «potes de botica» (Arquivo de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian).

As asas trabalhadas à pinça que se observam numa peça ornamentada com as *cresterías* típicas da vidraria catalã da época barroca (Fig. 10b e Est. V/5) tanto pode ter sido o bocal em forma de taça de uma jarra como, exactamente, uma taça do tipo das escudelas cerâmicas, servindo os apêndices ornamentais trabalhados à pinça como pegas. Gudiol Ricart apresenta abundantes exemplos da utilização deste tipo de ornamentação em *almorratxas* do século XVIII.

Com a actual Espanha partilhámos também, no século XVII, porventura já adiantado, a decoração de laçarias da jarra da Fig. 10c. Os paralelos mais próximos vêm de Almeria, mas o facto é que estas laçarias são aparentadas com o motivo de cadeia (Est. V/6) que floresceu no vidro veneziano e no vidro *façon de Venise* em diversos países (Espanha: Frothingham, 1963, est. 49A, 60, 65A; Itália: Klesse e Mayr, 1987, n.º 32; Países Baixos: Klesse e Mayr, 1987, n.º 33).

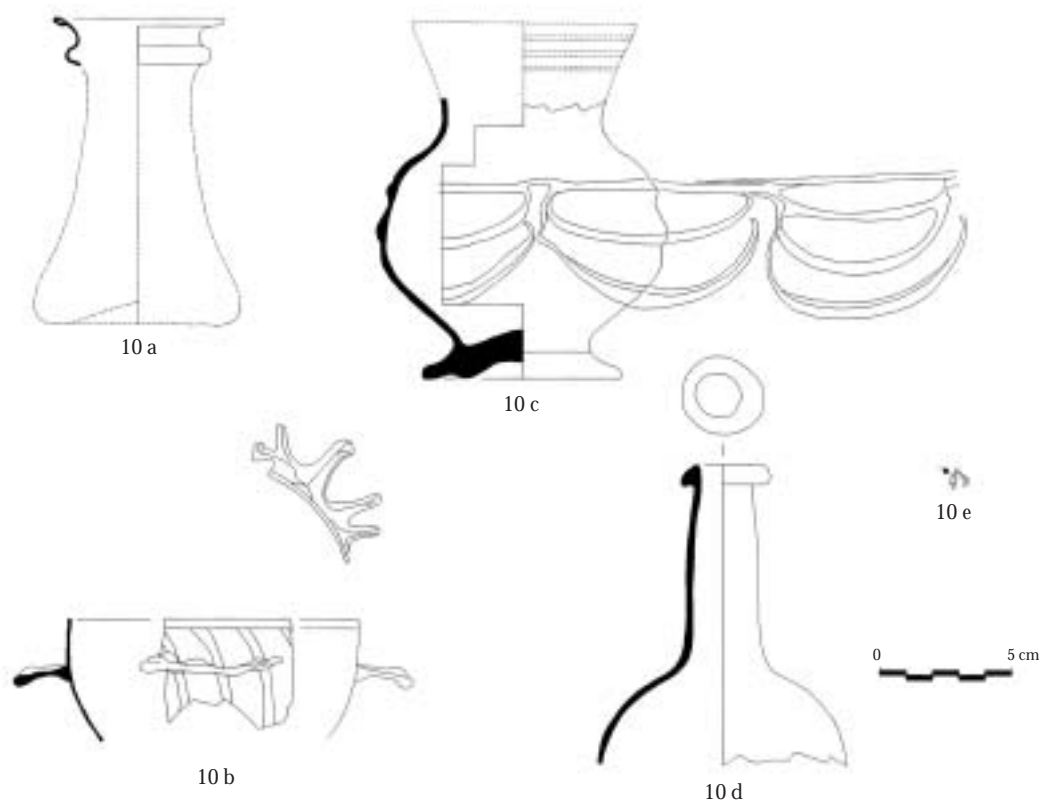


Fig. 10 Encontro de tradições III – ante 1680: varia. b) Bocal com cresterias – Est. V/5; c) Jarra incolor com laçarias – Est. V/6.

Temos reflectido sobre a que ficou a dever-se a invenção do recipiente fundamental do vidro de embalagem que é a garrafa dita «inglesa»: ao espírito pragmático dos ingleses, à necessidade de engarrafar vinhos, tanto destes quanto dos franceses? Tão utilitária como o *albarello*, mas bem mais robusta que ele, a garrafa em vidro castanho claro da Fig. 10d prenuncia a longa vida deste tipo de recipiente que, nascido no século XVII quando, em Portugal, se investia no plantio da vinha, preparando a política económica pombalina para o Alto Douro, nem o plástico conseguiu destronar.

Segundo Susan Schneider, citada por Oliveira Marques, «O vinho do Porto «Vintage», envelhecido na garrafa, que foi tão popular nos fins do século XVIII, entre as classes superiores inglesas e que se tornou uma parte integrante na vida social de Oxford e Cambridge, só se pôde fazer quando apareceram as garrafas cilíndricas, à volta de 1770. Estas garrafas, ao contrário das garrafas largas e de gargalo alto que se usavam no princípio daquele século, podiam ser armazenadas na posição horizontal, com o vinho em contacto com a rolha, o que era necessário para que se desse o envelhecimento.»<sup>12</sup>

Ao contrário do que sucede em países europeus como os Países Baixos ou a Inglaterra e, na América, os E.U.A., conhecemos ainda mal a evolução da garrafa de vinho portuguesa, apesar de J. Custódio ter encontrado, em Coima, exemplares de diversos tipos, e designadamente garrafas cilíndricas (Custódio, 2002, p. 215-219 e 333-338), e de escavações urbanas em Lisboa haverem já permitido conhecer algumas formas seguramente datadas, dado que exumadas de um contexto selado por derrubes do terramoto de 1755 (Fernandes e Ferreira, «Banco Nacional Ultramarino em Lisboa – Intervenção arqueológica de 1998 e estudo do espólio: I – Espólio vítreo» (no prelo).

Finalmente, o fragmento ornamental da Fig. 10e, fazendo-nos embora recuar à Idade Média islâmica (Est. IV/3 e Fig. 5h), não deixa de ser uma daquelas soluções ornamentais que foram incorporadas na tradição europeia (França: Demians d'Archimbaud, 1984, vol. I, 1310 e vol. II, p. 460/7; Newby, 2000, p. 260 e fig. 4).

#### Catálogo / Fig. 10 - Encontro de tradições III - ante 1680: varia

- a) *Albarello*. Colo dilatado em anel. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 C5), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 64 mm. B'5 Estrutura 4 Q. IV Dezembro 1995.
- b) Bocal de vaso (jarra ou taça?) em forma de taça. Decorado, por sopragem em molde, por caneluras verticais, e por adição de matéria sob a forma de asas em forma de crista, trabalhadas à pinça e aplicadas 1/3 abaixo do bordo da calote esférica. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 3 B4), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 110 mm. E'1 Q. II Lodo 22.1.97.
- c) Jarra. Base discóide de contorno irregular ostentando marca de pontel. Pança globular decorada por laçarias constituídas por cordões aplicados em relevo. Vidro transparente incolor. Alt. provável 130 mm Ø 71-73 mm. B'1 Q. I Camada de terra negra superficial 6.2.96.
- d) Garrafa. Bordo rematado por um cordão aplicado. Colo cilíndrico e ombros curvos. Vidro transparente castanho claro (Methuen 5 D6), contendo bolhas de ar, irisado. Ø 32 mm. B'1 Q. I. Camada superficial de terra negra 6.2.96.
- e) Ornato. Fio de secção circular dobrado, com a pinça de vidreiro, em forma de aspa, verosimilmente parte de ziguezague. Vidro transparente vermelho acinzentado (Methuen 11 C3). B'5 Q. III Terra negra 12.4.96.

#### H – Encontro de tradições IV – *post* 1680: novos modos (Fig. 11)

O copo da Fig. 11a assinala decisivamente a mudança dos copos sem pé do século XVII para os modelos homólogos do século XVIII. Note-se que as caneluras que o ornaram se distanciam, e distanciam este vaso, do aspecto dos copos canelados anteriormente de uso quotidiano. Ele marca a transição da coparia artesanal para a coparia manufacturada de que é lídimo representante o copo da Fig. 11b (Est. VI/1).

Deste modelo, para além do enorme contingente exumado durante escavações urbanas em Lisboa e em Tomar (Lisboa: Ferreira, 1997, est. 1/5-3; Tomar: Ferreira, «O uso de vidraria em *Sellium* e em Tomar...» (inédito) conhecem-se moldes e copos provenientes da estação arqueológica da Real Manufatura de Vidros que D. João V fundou em Coima no ano de 1719 e J. Custódio publicou (Custódio, 2002, p. 319, fig. 57).

O cálice cede o lugar ao copo de pé alto (Fig. 11c), a espessura e o peso do vidro incolor aumentam (Fig. 11/g-h) (Est. VI/4) e desenvolve-se a produção de «embalagens de vidro negro» de secção quadrangular (Fig. 11e), a par da garrafa cilíndrica (Fig. 11f), amiúde com barbelas mais rebuscadas do que as do século XVII (Ferreira, 1997, p. 186, est. 2/2-9 e 3-4; Fernandes e Ferreira, «Banco Nacional Ultramarino em Lisboa – Intervenção arqueológica de 1998 e estudo do espólio: I – Espólio vítreo» (no prelo) (Fig. 12d e est. VI/2).

Mercê da experimentação que conduziu ao cristal propriamente dito, entre 1670 e 1680, e mercê da criação das manufacturas de patrocínio régio, ou outras, bem como da ascensão da Ingla-

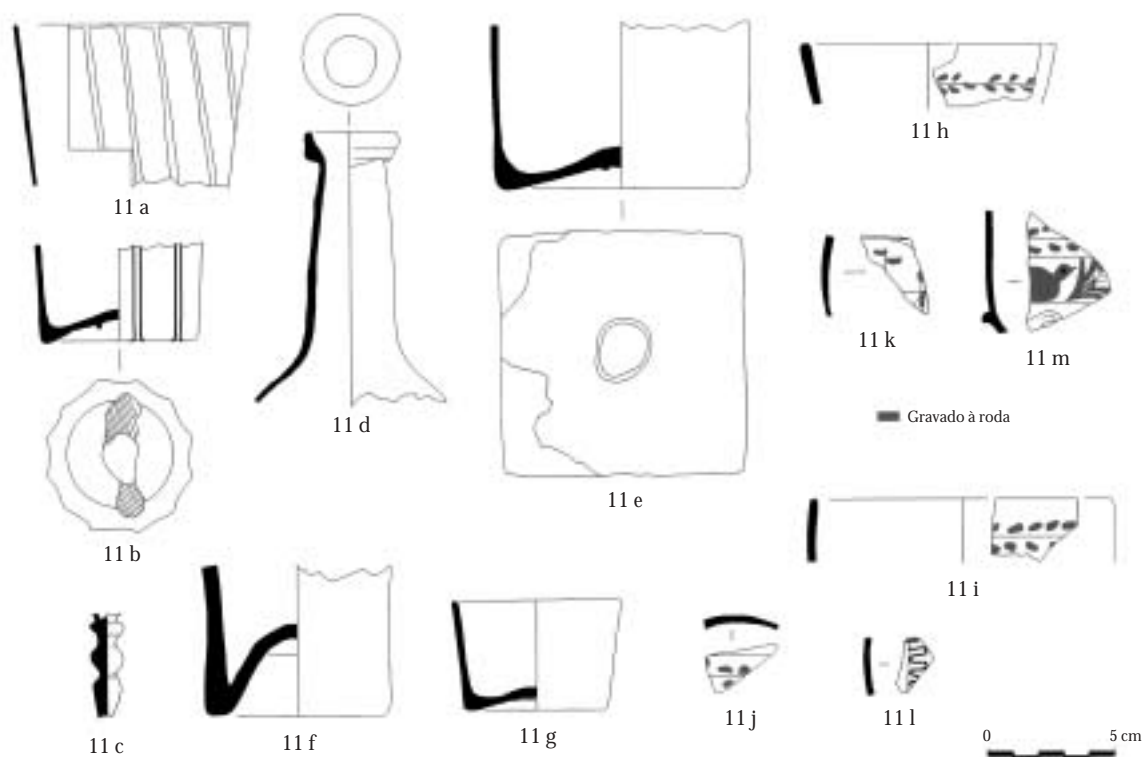


Fig. 11 Encontro de tradições IV – *post* 1680: novos modos. b) Copo poligonal – Est. VI/1; d) Garrafa em vidro «negro» – Est. VI/2; g) Tacinha incolor – Est. VI/4; m) Parede com pássaro – Est. VI/5.

terra e da Boémia, que protagonizaram as alterações tecnológicas indispensáveis à consecução dos ditames de um novo «bom gosto» em termos de vidraria, a gravura a ponta de diamante foi banida em favor da gravura à roda.

Os ensaios do repertório ornamental do século XVIII a que acima aludimos (Fig. 6o-p) remetem para vidros da Boémia, e o esquema básico das composições ornamentais que os decoram frutificaram, estamos em crer, no século XVIII, às mãos dos gravadores à roda de múltiplas oficinas europeias, dos Países Baixos a Portugal e da Boémia à França e à Inglaterra, bem como às colónias americanas destes dois últimos países (Myles, Smith e Woodhead, 1987, p. 18 e segs.; Jones e Sullivan, 1989, p. 56 e 64; Henkes e Laan, 2000, p. 194, fig. 6d, p. 202, fig. 19b, p. 203, fig. 21b).

O vidro gravado à roda exumado do Sector C'5 é completamente distinto das produções consideradas até aqui (Fig. 11 / h-m). Por um lado, é sempre perfeitamente incolor e suficientemente espesso para suportar a abrasão do esmeril; por outro, apresenta restos de composições análogas às que foram identificadas, em Lisboa, em vasos de contextos selados pelo terramoto de 1755, entre as quais se contam restos de motivos aparentados com *chinoiseries* (Fig. 11/k-l) (Est. VI/5). Datam pois do século XVIII — o que não é de estranhar, pois em Sta. Clara-a-Velha foi recolhida cerâmica coeva —, quer tenham sido importados, quer sejam produtos nacionais.<sup>13</sup>

É a que seguidamente se apresenta, para já sem mais, na expectativa de que idênticas análises laboratoriais de vidro gravado continuem a ser viabilizadas<sup>14</sup> e constituam futuramente termo de comparação para este material, a composição química dos seis fragmentos a que nos vimos referindo:

Quadro 2. Resultados de análises laboratoriais feitas por TAS

Fig.12h SC4	CaO 14%	MgO 0,27%	Na2O 0,65%	K2O 15%	Fe2O3 0,07%	PbO < 0,01%	MnO 0,10%
Fig.12i SC5	CaO 11%	MgO 0,25%	Na2O 0,99%	K2O 17%	Fe2O3 0,09%	PbO < 0,01%	MnO 0,12%
Fig.12j SC2	CaO 8,3%	MgO 1,9%	Na2O 1,2%	K2O 17%	Fe2O3 0,14%	PbO < 0,01%	MnO 0,097 %
Fig.12kSC6	CaO 11%	MgO 0,25 %	Na2O 0,77%	K2O 9,6%	Fe2O3 0,09%	PbO < 0,01%	MnO 0,12 %
Fig.12l SC1	CaO13%	MgO 0,27%	Na2O 0,25 %	K2O 16%	Fe2O3 0,07 %	PbO < 0,01%	MnO 0,10%
Fig.12mSC3	CaO11%	MgO 0,23 %	Na2O 0,91 %	K2O 16%	Fe2O3 0,08 %	PbO < 0,01%	MnO 0,11 %

### Catálogo / Fig. 11 – Encontro de tradições III – post 1680: novos modos

- a) Copo. Forma troncocónica. Decorado, por sopragem em molde auxiliar, por caneluras que se resolvem em arcos imediatamente abaixo do bordo. Vidro transparente incolor contendo bolhas de ar. Ø 100 mm F'2 Sondagem 41 Q. II Ala Oeste CL Terra de saibro 28.3.2000.
- b) Copo. Paredes esvasadas de secção poligonal. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Vidro transparente incolor. Ø 62 mm B'1 Q. I Camada de terra negra superficial 6.2.96.
- c) Pé de copo constituído por dois botões que encimam um balustre. Vidro transparente incolor acinzentado, pesado. G'7 Q. II Sala D 10.9.97.
- d) Garrafa. Colo alto. Bordo rodeado por um anel irregularmente aplicado. Ombros arredondados. Vidro transparente amarelo azeitona (Methuen 3 D6), muito irisado. Ø 38 mm. B'1 Q. I 22.2.96.
- e) Garrafa. Bocal barbelado. Colo cilíndrico. Vidro transparente incolor. Ø 22 mm A'3 Q. I Terra negra 2.4.96.
- f) Garrafa. Paredes cilíndricas. Fundo cónico ostentando marca de pontel de 24 mm de diâmetro. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 D5), contendo bolhas de ar. Ø 68 mm C'5 Q. II Terra negra 14.5.96.
- g) Tacinha. Paredes troncocónicas. Fundo ligeiramente reentrante ostentando vestígios de apagamento da marca de pontel. Vidro transparente incolor, contendo minúsculas bolhas de ar e estrias da sopragem. Alt. 44 mm Ø do fundo 55 mm E'9 Q. II Estrutura Noroeste 6.12.96.
- h) Taça. Paredes esvasadas. Decorado, por gravação à roda, por folhas estilizadas dispostas obliquamente de um e outro lados da linha horizontal que corre abaixo do bordo. Vidro transparente incolor, ligeiramente irisado. Ø 100 mm C'5 Q. II Terra negra 11.5.96.
- i) Taça. Paredes curvas. Decorado, por gravação à roda, por folhas estilizadas dispostas obliquamente de um e outro lados da linha horizontal que corre abaixo do bordo. Vidro transparente incolor. Ø 118 mm C'5 Q. II Terra negra 13.5.96 .
- j) Fragmento curvo de parede. Vidro transparente incolor. Decorado, por gravação à roda, por folhas estilizadas dispostas obliquamente de um e outro lados de uma linha horizontal. Vidro transparente incolor. C'5 Q. II Terra negra 11.5.96.
- k) Fragmento curvo de parede. Vidro transparente incolor. Decorado, por gravação à roda, por motivo indefinível. Vidro transparente incolor. C'5 Q. I Terra negra 23.6.96.
- l) Fragmento curvo de parede. Decorado, por gravação à roda, por duas linhas verticais encerrando uma linha ondulante. Vidro transparente incolor. C'5 Q. II Terra negra 11.5.96.
- m) Fragmento curvo de parede com resto de asa. Decorado, por gravação à roda, por folhas estilizadas dispostas obliquamente de um e outro lados de uma linha horizontal, acima de um registo, limitado inferiormente por uma outra linha horizontal, contendo um pássaro e motivos vegetais estilizados. Vidro transparente incolor. C'5 Q. I Terra negra 23.5.96.

## I – Vidraria contemporânea (Fig. 12)

Finalmente, datarão dos finais do século XIX e dos inícios do século XX alguns interessantes espécimes moldados em moldes abertos e exemplares de vidro prensado que, uma vez mais, patenteiam a tendência para um estilo internacional na história do vidro, como que antecipando uma globalização correcta em que as diferenças regionais continuam a ter expressão. Consideremos alguns destes vidros.

O frasco da Fig. 12a é o típico frasco de farmácia que encontramos já documentado em Tomar e está reportoriado em inúmeros países do Ocidente (Ferreira, «O uso de vidraria em *Sellium* e em Tomar...» (inédito) e Jones e Sullivan, 1989, p. 97, fig. 60). O bordo côncavo pelo lado interno impedia o desperdício de uma gota, que fosse, de medicamento.

*Joke glass*, *verre à surprise* e «copo de segredo» são designações aplicáveis a vários tipos de vasos de vidro para a ingestão de líquidos, entre os quais se conta o copo em forma de bota, para beber pelos quais, sem verter a bebida, havia que conhecer o ardil subjacente à concepção dos mesmos.

Os sapatos e botas «para beber» mais comuns datam, em Inglaterra como em Itália, da época vitoriana, mas outras existiam que, miniaturais, remetiam para diferentes funções (Reino Unido: Miller, 1990, p. 165-167; Itália: Newman, 1977, p. 180). Além disso, é conhecido um exemplar renascentista, do século XVII, decorado por filigrana a *reticello* (Balboni Brizza, 1991, n.º 20), pelo que haverá, futuramente, que questionar as fontes etnológicas europeias sobre as várias valências (utilitária, apotropaica, erótica...) associadas, ao longo do tempo, a este tipo de artefacto.

O exemplar de Sta. Clara-a-Velha é uma bota feminina, curta, de atacadores cujas extremidades, rematadas por borlas, formam um laço; duas outras borlas ornaram o calcanhar deste produto,

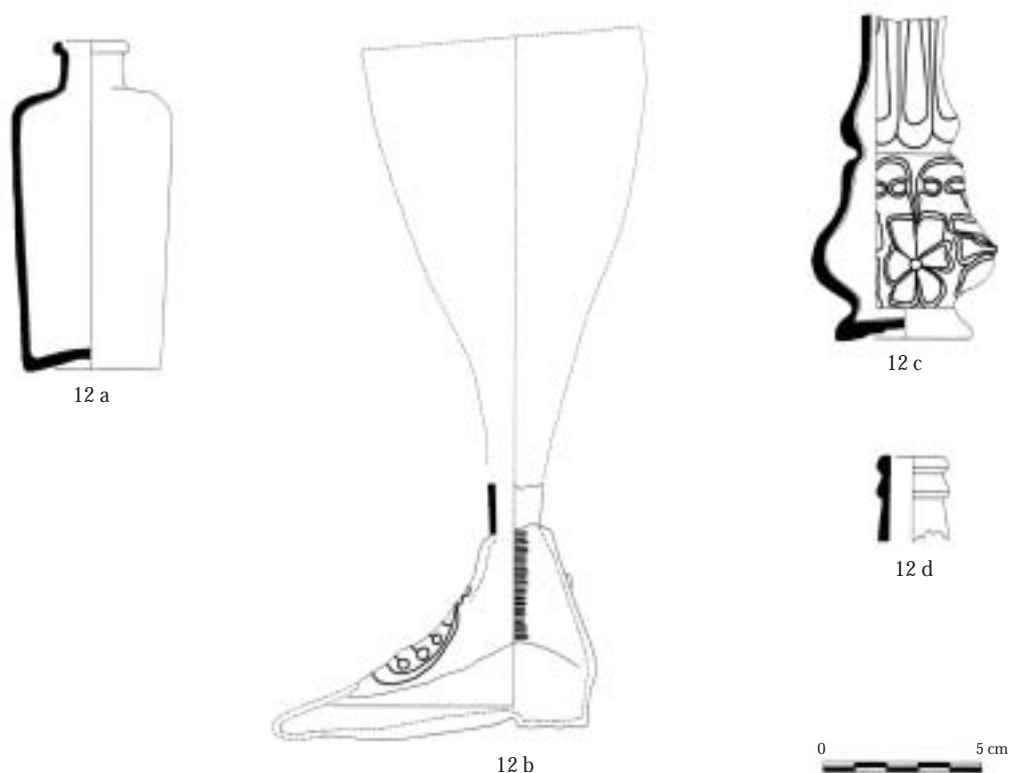


Fig. 12 Vidraria contemporânea. b) Copo em forma de sapato – Est. VI/6.

prensado em molde de três tacelos e verosimilmente de origem estrangeira (Est. VI/6) Ao cano baixo da bota parece que se sucederia uma perna que deveria aumentar progressivamente de largura, para cima, conforme propomos na reconstituição (Fig. 12b)

O exemplar da Fig. 12c, jarrinha ou frasco de perfume, que é produto ainda da técnica de sopragem em molde de madeira, visto o fraco relevo das flores (violetas, magnólias?) e demais ornatos salientes — manifestamente ao gosto Arte Nova, mau grado o atavismo da composição, vistas as flores de múltiplas pétalas fendidas, ao estilo de Mucha, de Gallé e de Daum, quer dizer, em particular da *Art Nouveau* francesa, ainda que quando copiada por terceiros, e o friso de enrolamentos que as encima —, deve datar da segunda década do século XX. Relativamente à peça da Fig. 12c, por exemplo, consulte-se *The Art Nouveau Style Book*. (1980, est. 16, 30 e 61), *Cent ans d'Art Verrier*. (1983, p. 70, fig 59) e, ainda, *The Encyclopedia of Decorative Arts* (1988, p. 274).<sup>15</sup>

Com o bocal de garrafa industrial da Fig. 12d chegamos à contemporaneidade próxima, à forma mais utilitarista do vidro de embalagem talvez mais longamente utilizada, e a um testemunho (mais) do variado material exógeno à generalidade do espólio da Idade Moderna encontrado no Sector A3, facto que, de resto, se observa em muitos outros pontos desta estação arqueológica, de cuja vida fazem parte de pleno direito.

#### Catálogo / Fig. 12 – Vidraria contemporânea

- a) Frasco. Bordo esvasado, arredondado pelo lado externo e côncavo pelo lado interno. Colo curto. Paredes ligeiramente esvasadas ostentando arestas de junção das duas partes do molde bivalve em que o recipiente foi soprado. Fundo ligeiramente reentrante ostentando vestígios de apagamento da marca de pontel. Vidro transparente incolor. Alt. 108 mm Ø do fundo 44 mm Ø da abertura 22 mm A'1 Q. IV 3.7.96.
- b) Vaso em forma de sapato (copo?). Vidro transparente incolor, contendo algumas bolhas de ar. Prensado em molde. Comp. provável 102 mm B'3 Q. III S/ data.
- c) Recipiente para líquidos (frasco de perfume ou jarrinha?). Base anelar ostentando vestígios de apagamento da marca de pontel. Pança troncocónica resolvida em colo cilíndrico esvasado. Pança decorada por um registo de flores apresentadas em repetição linear simples e ligadas por caules enrolados. Colo decorado por arcadas invertidas que se detêm a 41 mm da altura total para darem lugar a uma sucessão, em repetição linear simples, de lágrimas contíguas. Vidro transparente incolor irisado. Soprado em molde bivalve. Alt. provável *circa* 18 mm Ø 44 mm B'3 Q. III S/ data.
- d) Fragmento de bocal de garrafa. Bordo barbelado. Colo cilíndrico ligeiramente convexo. Vidro industrial, transparente incolor, moldado. Ø 22 mm A'3 Q. I 2.4.96.

#### Interrogações acerca da origem do espólio (Fig. 13)

O maior enigma que se coloca sempre que se aborda um espólio vítreo é o do(s) centro(s) de fabrico dos espécimes que o integram.

O facto de terem sido recolhidos escória de vidro, restos de laboração e até uma boca de cana (B'3 Q. IV 3.4.76) de vários dos sectores intervencionados, com especial relevância para o Sector B'3, leva a conjecturar a proximidade de algum *atelier* vidreiro. As oficinas onde se desenvolviam actividades que podiam fazer perigar a segurança das populações citadinas eram relegadas para a



periferia dos núcleos urbanos e, efectivamente, a área do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha situava-se, na época a que nos reportamos, fora de portas.

Se vier a provar-se que em Conímbriga se fabricou vidro, visto aí terem aparecido escórias, por certo que a transferência da população da cidade desertada para *Aeminium*, no século V, implicou a retoma, na actual cidade de Coimbra, das actividades económicas usuais nas margens do Rio dos Mouros. A ter-se verificado tal continuidade, o mais natural é que coexistam, entre o espólio vítreo da época da ocupação, pelas Clarissas, do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha, vidros nacionais, vidros catalães e de outras regiões da actual Espanha, vidros venezianos, vidros do centro e do Noroeste da Europa e, *last but not least*, vidraria *façon de Venise*, porventura importada, porventura mesmo *façon de Venise* portuguesa.<sup>16</sup>

Alguns dos vidros estrangeiros terão sido importados, mas outros podem ter sido trazidos por monjas como parte integrante dos dotes. Tendo professado no Mosteiro de Sta. Clara D. Isabel de Aragão, é natural que esta congregação de Clarissas suscitasse interesse além fronteiras, designadamente na região da Espanha actual que produziu o vidro simultaneamente de melhor qualidade e talvez globalmente mais eivado de orientalismo: a Catalunha. Além disso, repetimo-lo, os três reis da «Dinastia Estrangeira» ligaram-se, pelo casamento, a Áustrias.

Afigura-se-nos demasiado fácil atribuir a Veneza a autoria de alguma da vidraria exumada tendo como critérios o carácter particularmente luxuoso e/ou a mestria evidenciada por certos espécimes. Há que ter em mente que, como já escrevemos noutra local, trabalharam entre nós vidreiros italianos (Ferreira, 2000, p. 371 e n. 5; Costa, 1955, p. 76), e não esquecer que Coimbra se encontrava na área de monopólio do Covo.<sup>17</sup> De facto, os fidalgos vidreiros do Covo (Oliveira de Azeiméis – Aveiro) detiveram, por determinação de D. João III, em 1528, o monopólio da produção e da venda do vidro entre a Galiza e a linha do Tejo; aí se produziu continuamente vidro pelo menos a partir de então e durante quatro séculos.

A existência dos mesmos padrões impressos em vidro de diferentes cores e/ou espessuras, como é o caso dos padrões de bossas alinhadas obliquamente (Fig. 9j e, em vermelho acastanhado, no Sector D'1 Q. IV), de serpentinas enviesadas (Fig. 13a-b) e o padrão têxtil de losangos de lados ondulantes pontuados centralmente por flores (Est. VI/3 e Fig. 13c-d), bem como a existência de taças de aba ornadas por caneluras verticais (Fig. 3d-e), entre muitas outras constatações, levantam a suspeição do fabrico local ou regional de alguma desta vidraria, quiçá em Coimbra, quiçá no Covo.

Entre as profissões de artífices identificadas no rol das sisas respeitantes a 1599, em Coimbra, consta apenas um vidreiro, na freguesia de Sta. Justa (Oliveira, 1972, Vol. II, p. 401); já as fontes de 1567 e de 1671 consultadas a este respeito não mencionam qualquer outro (Oliveira, 1971, Vol. I, p. 336-341), menção igualmente ausente dos contratos de aprendizagem de ofícios mecânicos entre 1567 e 1602 na mesma cidade (Oliveira, 1971, Vol. I, p. 446). Não deve interpretar-se o silêncio das fontes mas, por outro lado, se um dos *itens* de uma fonte escrita, embora já de 1770, são «Duzentos e cinquenta copos de covo novos para o uso do Refeitório»<sup>18</sup> do Colégio de Coimbra da Companhia de Jesus, não significa isso que esta cidade continuava, no século XVIII, a consumir vidro do Covo, a despeito da existência da Manufatura Real na Marinha Grande?

Outro tópico que vale a pena abordar no contexto da problematização da origem da vidraria é a «decoração azul», expressão que usamos por contraste com a «decoração branca». Até muito recentemente, nenhum dos espólios vítreos medievais e modernos examinados continha qualquer espécime com «decoração azul»; chegamos a admitir, embora com relutância, a hipótese de tal fórmula decorativa não ter sido conhecida em Portugal. Da Casa do Infante, no Porto, foi todavia exumado vidro assim ornamentado,<sup>19</sup> o mesmo estando a suceder em Sta. Clara-a-Velha.

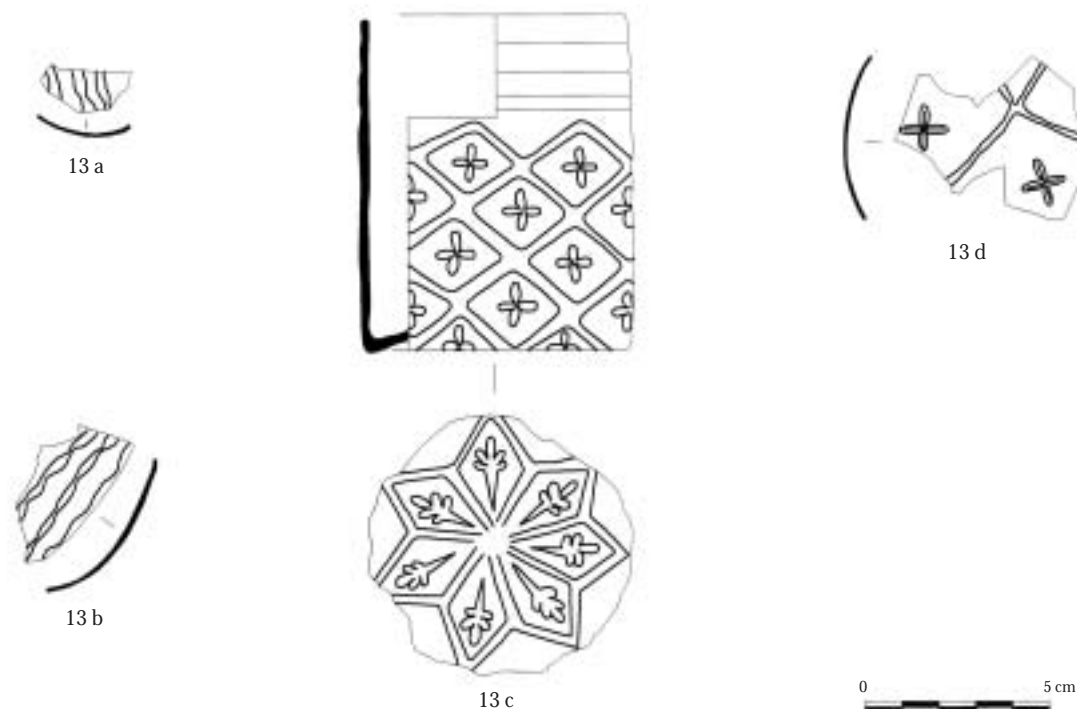


Fig. 13 Origem do espólio: interrogações.

**Catálogo / Fig. 13 – Interrogações sobre a origem do espólio**

- a) Fragmento de parede curva. Decorado, por meio de sopragem em molde auxiliar, por serpentinhas oblíquas. Vidro transparente castanho violáceo (Methuen 9 E6). B'1 Estrutura 7 Terra negra 27.1.96.
- b) Fragmento de parede curva. Decorado, por meio de sopragem em molde auxiliar, por serpentinhas oblíquas. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 B5), contendo bolhas de ar. B'5 Q. III Terra negra 27.1.96.
- c) Copo. Paredes cilíndricas. Fundo cónico ostentando marca de pontel. Bordo recto e parte alta da parede moldurada horizontalmente, sucedendo-lhe decoração, por recurso a molde auxiliar, de um padrão «têxtil» de losangos de lados ondulantes pontuados centralmente por flores de quatro pétalas. Vidro transparente azul acinzentado (Methuen 21 C6). Alt.93 mm Ø da abertura 72 mm Ø do fundo 72 mm B'5 Estrutura 4 Q. IV Terra negra 24.1.96, 1, 3, 5 e 6. 2.96 e B'5 Q. III Terra negra 2.5.96.
- d) Fragmento de parede curva em vidro transparente incolor, muito fino, contendo minúsculas bolhas de ar. Decorado, por recurso a molde auxiliar, por losangos pontuados centralmente por uma flor de quatro pétalas. B'1 Q. I Corte 13.3.96.

## **Futuras fases da investigação**

- a) Pesquisa documental e arquivística.
- b) Análises químicas laboratoriais de vidro.
- c) Inserção em grupo de trabalho internacional para estudo do vidro veneziano na Renascença e do carácter particular de que, em cada país, se revestiu o vidro *façon de Venise*.
- d) Realização de escavações na Quinta do Côvo.<sup>20</sup>

## ***Post-scriptum***

«Além do estreito de Gibraltar, é ao longo da costa portuguesa que, por transições cuidadosamente graduadas, se passa da última terra plenamente mediterrânea — a Arrábida — para as primeiras terras atlânticas — a Beira Litoral e o Minho: lugares banhados já numa luz que a humidade torna menos crua, abertos aos ventos oceânicos e expostos às suas chuvas fecundantes.»<sup>21</sup>

Do ponto de vista geográfico, assim equacionava Orlando Ribeiro, em 1945, a questão de determinar se Portugal pode, ou não, ser considerado um país mediterrânico; bem mais recentemente, e partindo de um ponto de vista diverso, terá uma das figuras tutelares da nossa arqueologia islâmica dito, com alguma graça, mas sobretudo com muita clarividência, que Marrocos se estende até Coimbra.

É parco o nosso conhecimento do vidro arqueológico descoberto a Norte desta cidade. Recordamo-nos, ainda assim, de ter visto, entre o espólio vítreo da Idade Moderna proveniente das escavações da Casa do Infante, no Porto, vidro incolor decorado por fios azuis aplicados em relevo, modalidade ornamental até então aparentemente desconhecida no centro e no Sul de Portugal, e que agora abundantemente se documenta. Qual a sua origem? Onde foi fabricado?

A mesma questão é inevitável relativamente ao espólio do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha, mas formulada no plural: de que centros vidreiros provieram os vasos de vidro cujos reflexos deleitaram as Clarissas cujo quotidiano povoaram? Quais os que vieram da Europa meridional, do Maghreb e do Próximo Oriente, e quais os que vieram da Europa atlântica? Quais os que foram produzidos no Portugal «mediterrânico» e quais os que foram produzidos no Portugal oceânico?

Coimbra, 31 de Março de 2004



1



2



3



4

Est. II 1: Fig. 2a.; 2: Fig. 2b; 3: Fig. 2c; 4: Fig. 2e.



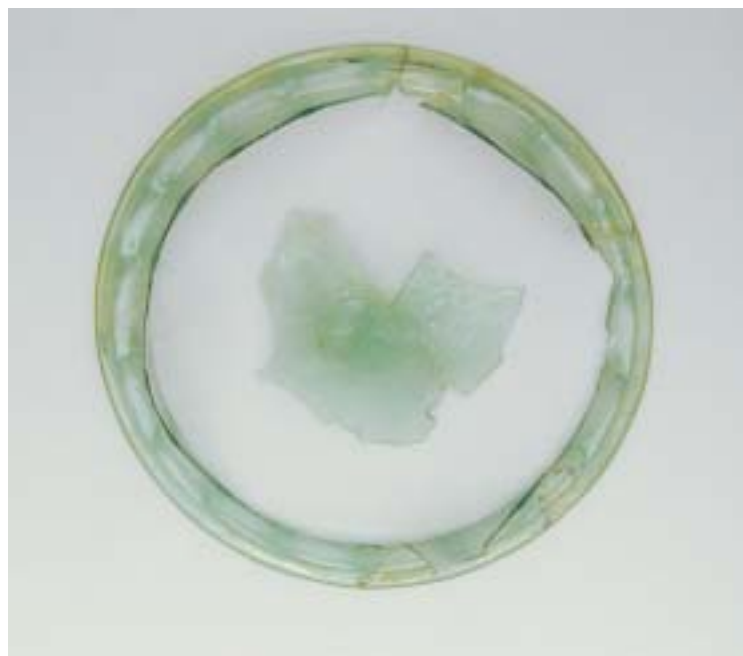
1



2



3



4



5

Est. III 1: Fig. 3a; 2: Fig. 3b; 3: Fig. 3c; 4: Fig. 3d; 5: Fig. 3g.



1



2



3



4



5



6

Est. IV 1: Fig. 4i; 2: Fig. 5a; 3: Fig. 5h; 4: Fig. 5d; 5: Fig. 5e; 6: Fig. 4e.



1



2



3



4



5



6

Est. V 1: Fig. 6n; 2: Fig. 6o; 3: Fig. 7d; 4: Fig. 7g; 5: Fig. 10b; 6: Fig. 10c.



1



2



3



4



5



6

Est. VI 1: Fig. 11b; 2: Fig. 11d; 3: Fig. 11e; 4: Fig. 11g; 5: Fig. 11m; 6: Fig. 12b.



## NOTAS

- \* Desenhos de Manuela Almeida Ferreira, Nuno Santos e José Augusto Dias; fotografia de Manuel Matias e Miguel Munhós; restauro de Manuel Matias, Ana Teresa Ramos e Carla Simões.
- <sup>1</sup> Agradecemos, aos membros da equipe arqueológica que acompanhou as escavações, os esclarecimentos que a este respeito nos prodigalizaram.
- <sup>2</sup> Segundo Riis (1957, p. 72 e p. 74 e segs.), a pintura a ouro foi inicialmente praticada no Egípto (desde o século VIII) e, mais tarde (séculos XIII-XIV), na Síria.
- <sup>3</sup> Cf. comentários a esta forma e a este tipo de decoração nas alíneas k e l.
- <sup>4</sup> Jorge Custódio publicou dois vasos canelados cobertos (*hanaps*), de duas asas, deste mesmo azul, que atribui à Real Manufatura de Coina (1.ª metade do século XVIII), as quais testemunham a longevidade não só do gosto pelo vidro azul como por formas caneladas. Cf. Custódio, 2002, p.184, fig. 123. O mesmo se verifica em espólios italianos. Cf., por exemplo, Lamarque, 1973, p. 128 e p. 127, fig. 35/ 43. Trata-se de um cálice (século XVI-XVII) de copa ornada por um padrão de losangos.
- <sup>5</sup> Esta forma de taça, mormente canelada, foi identificada por Teresa Medici, a quem agradecemos ter-nos facultado uma cópia do poster que apresentou ao XVI Congresso da *Association Internationale pour l'Histoire du Verre* (Londres, Setembro de 2003, actas no prelo). Os paralelos de Almada datam do século XVII:
- <sup>6</sup> Em «Material cerâmico do Terreiro da Erva...» (Ferreira, 2003, p. 759), referimos exemplos deste motivo aplicado em diferentes materiais.
- <sup>7</sup> Isings, 1957, p. 53.
- <sup>8</sup> O bico do vaso da Fig. 5a subsiste na vidraria catalã da Idade Moderna (Cf., por exemplo, Gudiol Ricart, 1936, p. 114, est. 98) e reaparece na onda de revivalismos italianos dos finais do século XIX (Newman, 1977, p. 80). Segundo Ignasi Doménech Vives (Museu Cau Ferrat, Sitges - Catalunha), a quem agradecemos a informação, a peça da Est. IV/2 deve tratar-se de um produto da região de Granada. Quanto aos ornamentos em zig-zague, poderão ser fragmentos de anéis. O estudo do espólio associado aos enterramentos, feito por Teresa Mourão, será publicado em breve.
- <sup>9</sup> O material do Teatro Romano é inédito. Teresa Medici apresentou ao XVI Congresso da *Association Internationale pour l'Histoire du Verre* (Londres, Setembro de 2003) um poster em que este mesmo recurso ornamental ocorreu num contexto dos séculos XVII-XVIII da Rua da Judiaria, em Almada.
- <sup>10</sup> A questão encontra-se, a nosso ver, em aberto. A seu tempo daremos conta do desenvolvimento dos pontos de vista fundamentados veiculados na comunicação «Wheel-engraved glassware from Lisbon in the 18th century», apresentada ao 16.º Congresso da *Association Internationale pour l'Histoire du Verre* (Londres, Setembro 2003, actas no prelo).
- <sup>11</sup> Constatámos, ao longo da pesquisa bibliográfica a que obrigou o estudo dos vidros do Museu Municipal de Moura, que os especialistas são unânimes quanto à diminuta produção tanto de vidro *millefiori* como de vidro calcedónia, na Renascença. (Ferreira, 2000b, p. 446 e n.º 17).
- <sup>12</sup> Marques, 1984 (1.ª ed. 1972), Vol. II, p. 281. Segundo J. Custódio (2002, p. 216), esta forma surgiu entre 1750 e 1760.
- <sup>13</sup> Na nossa opinião, é controversa a atribuição exclusiva, defendida por alguns autores, desta vidraria às manufaturas da Boémia, por muitas que sejam — e efectivamente tal se verifica — as semelhanças existentes entre os vidros produzidos naquela região da Europa e os que foram escavados em Portugal, bem assim como os descobertos em outros países da Europa ocidental, em que tais semelhanças ornamentais existem.
- <sup>14</sup> Estamos profundamente gratos aos Profs. Drs. João Coroado (Instituto Superior Politécnico de Tomar e Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro de Coimbra) e Pires de Matos (Universidade Nova de Lisboa e Instituto Tecnológico e Nuclear - Sacavém) pela disponibilidade e empenho com que têm
- <sup>15</sup> A Francisco Madeira Luis temos a agradecer o contributo dado ao exame das peças da Fig. 12b-c.
- <sup>16</sup> Na nossa opinião, é controversa a atribuição exclusiva, defendida por alguns autores, desta vidraria às manufaturas da Boémia, por muitas que sejam — e efectivamente tal se verifica — as semelhanças existentes entre os vidros produzidos naquela região da Europa e os que foram escavados em Portugal, bem como os homólogos descobertos em outros países da Europa ocidental.
- <sup>17</sup> O Prof. Dr. João Coroado (Instituto Politécnico de Tomar) encontra-se a analisar o vidro e as escórias de Conímbriga no sentido de verificar a relação entre as segundas e o primeiro, informação que temos a agradecer.
- <sup>18</sup> Guerra, 1969, p. 8.
- <sup>19</sup> A Paulo Dordio Gomes agradecemos ter-nos permitido observar este material, em Julho de 2002.
- <sup>20</sup> Neste sentido dinamizámos o estabelecimento de um protocolo de colaboração entre a Universidade de Aveiro e a Universidade de Lovaina; este projecto foi aprovado e financiado, e a sua concretização iniciar-se-á em Agosto próximo.
- <sup>21</sup> Ribeiro, 1987 (1.ª ed. 1947), p. 38.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTONARAS, A (2003) - Venetian glass pilgrim vessels found in Thessalonica. In *Annales du 15<sup>ème</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre: Corning New York 2001*. Amsterdam: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 199-202
- ARMINJON, C.; BLONDEL, N. (1984) - *Objets civils domestiques: vocabulaire typologique* Paris: Imprimerie Nationale.
- The Art Nouveau Style Book of Alphonse Mucha* (1980) New York: Dover Publications Inc.
- BARRELET, J (1953) - *La verrerie en France de l'époque gallo-romaine à nos jours*. Paris: Larousse.
- BARRERA, J (1990) - La verrerie médiévale et moderne – Collection Thaurin, Musée des Antiquités de Rouen. *Revue Archéologique de l'Ouest*. Rennes. 7, p. 115-129.
- BARRERA, J.; PETIT, M. (1990) - La verrerie d'Étampes (Essonne). In *Annales du 11<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Amsterdam: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 341-364.

- BARRERA, J.; PETIT, M. (2003) - La verrerie des fouilles de la cour Napoléon In *Annales du 15<sup>ème</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre: Corning New York 2001*. Amsterdam: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 365-376.
- BERTI, G.; CIAMPOLTRANI, G.; STIAFFINI, D. (1994) - La suppelletile da tavola del tardo Rinascimento a Lucca. Un contributo archeologico. *Archeologia Medievale*. Firenze. 21, p. 555-587.
- BLATTMANN, I. (1985) - Ceramiche e vetri dagli scavi in Puglia. *Quaderni di Archeologia e Storia dell'Arte in Capitanata*. Galatina. 2, p. 103-104.
- BALBONI BRIZZA, M. T. (1991) - *Vetri*. Milano: Museo Poldi Pezzoli.
- CABART, H. (1990) - La verrerie de l'Est de la France – Tableaux typo-chronologiques. *Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est*. Dijon. 9<sup>ème</sup> Supplément p. 314-321.
- CARBONI, S. (2001) - *Glass from Islamic lands*. London: Thames & Hudson.
- CARBONI, S. (2003) - The use of glass as Architectural Decoration in the Islamic World. In *Annales du 15<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Nottingham: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 127-132.
- CHARLESTON, R. J. (1997) - Some aspects of 17<sup>th</sup> century glass found in England. In *Annales du 7<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Amsterdam: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 283-297.
- Cent Ans d'Art Verrier en Europe – De l'Art Nouveau à l'Art actuel – Catalogue d'exposition (24 mars - 20 mai)* (1983). Bruxelles/Luxemburg: Société Générale de Banque/Banque Générale du Luxembourg.
- COSTA, P. da (1955) - Subsídios para a história da indústria vidreira no Concelho de Oliveira de Azeméis. Casa e fábrica do Côvo, e continuadoras desta no concelho de Oliveira de Azeméis. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. 81, p. 64-79.
- CUSTÓDIO, J. (2002) - *A Real Fábrica de Coima (1719-1747) e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII: aspectos históricos, tecnológicos, artísticos e arqueológicos*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- DAVIDSON, G. R. (1940) - A medieval glass-factory at Corinth *American Journal of Archaeology*. Princeton, NJ. 44, p. 297-327.
- DAVIDSON, G. R. (1952) - *Corinth: Results of Excavations Conducted by the American School of Classical Studies at Athens. Vol. XII: The Minor Objects*. Princeton, NJ: American School of Classical Studies at Athens.
- DE BLESER-DE CLIPPELE, C. (1988) - De Brugse glasvondsten. *Brugge ouder-zocht. Tien jaar stadsarcheologisch onderzoek 1977-1987*. Brugge, p. 141-150.
- DEMIANS D'ARCHIMBAUD, G. (1980) - *Rougiers, village médiéval de Provence. Approches archéologiques d'une société rurale méditerranéenne*. Université Lille III - C.N.R.S. (tese de doutoramento, policopiada).
- DIAS, J. P. S. (1994) - *História da Farmácia em Portugal - Uma introdução à sua História 1338-1938*. Lisboa: Associação Nacional das Farmácias.
- DIAS, P. (2002) - *O Mosteiro de Arouca*. Arouca: Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda.
- DRAHOTOVÁ, O. (1983) - *L'art du verre en Europe*. Paris: Gründ.
- The Encyclopedia of Decorative Arts 1890-1940* (1988). New Jersey: Chartwell Books, Inc.
- FALSONE, G. (1976) - Gli scavi allo Steri di Palermo. In *Atti del Colloquio Internazionale di Archeologia Medievale. Palermo-Erice 20-22 settembre 1974, I*. Palermo: Istituto di Storia Medioevale dell'Università di Palermo, p. 110-122.
- FERNANDES, L.; FERREIRA, M. A. (no prelo) - Banco Nacional Ultramarino em Lisboa. Intervenção arqueológica de 1998 e estudo do espólio: I – Vidro. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
- FERREIRA, M. A. (1989) - Deux collections de verres portugais: XII<sup>ème</sup>-XVI<sup>ème</sup> siècles. *Journal of Glass Studies*. Corning. 30, p. 34-47.
- FERREIRA, M. A. (1993) - Du verre post-médiéval provenant de fouilles à Coimbra (Portugal). In *Annales du 12<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Lochem: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 421-432.
- FERREIRA, M. A. (1994) - Vidro e cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo. *Mare Liberum*. Lisboa. 8, p. 117-200.
- FERREIRA, M. A. (2000a) - Verrerie et société à Évora (Portugal) du XVI<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle. In *Annales du 14<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Lochem: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 370-374.
- FERREIRA, M. A. (2000b) - Em torno do tesouro vitreo de Moura. In *Actas do 3<sup>o</sup> Congresso de Arqueologia Peninsular*. VII. Porto: ADECAP, p. 443-451.
- FERREIRA, M. A. (2003) - Vidro arqueológico da região de Sintra (séculos XVI e XVII). *Arqueologia Medieval*. Porto. 8, p. 279-291.
- FERREIRA, M. A. (2003) - Trouvailles céramiques du Terreiro da Erva (Coimbra-Portugal). In *Actes du VI<sup>e</sup> Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée, Thessaloniki, 11-16 octobre 1999*. Athènes: Caisse des Recettes Archéologiques, p. 759-762.
- FERREIRA, M. A. (no prelo) - Wheel-engraved glassware from Lisbon in the 18<sup>th</sup> century. In *Annales du 16<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*.
- FERREIRA, M. A. (inédito) - *O uso de vidraria em Sellium e em Tomar: as descobertas arqueológicas recentes em relação com a História do Vidro*.
- FONTAINE, C.; WOUTERS, H. (2000) - Le calice côtelé de St. Christophe, dit de Lambert le Bègue – Liège. In *Annales du 14<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Lochem: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 278-286.
- FOSSATI, S.; MANNONI, T. (1975) - Lo scavo della vetreria medievale di Monte Lecco. *Archeologia Medievale*. Firenze. 2, p. 56-97.
- FOY, D. (1985) - Essai de typologie des verres médiévaux d'après les fouilles provençales et languedociennes. *Journal of Glass Studies*. Corning. 27, p. 18-71.

- FRYER, K.; SELLEY, A (1997) - Excavation of a pit at 16 Tunsgate, Guilford, Surrey, 1991. *Post-Medieval Archaeology*. Leeds. 31, p. 139-230.
- FROTHINGHAM, A. W. (1963) - *Spanish Glass*. London: Faber and Faber Limited.
- GUARNIERI, C (1998) - Suppellettile vitrea proveniente dagli scavi del Convento di S. Antonio in Polesine a Ferrara. Note preliminari. In *Atti 2e Giornate Nazionali di Studio AIHV – Comitato Nazionale Italiano*. Milano: Comune, p. 217-221.
- GUDIOL RICART, J.(1936) - *Els vidres catalans* (Monumenta Cataloniae; 3). Barcelona: Alpha.
- GUERRA, L. B (1969) - *Arquivo do Tribunal de Contas - Colégios de Coimbra. Porto, Bragança, Braga e Gouveia (Companhia de Jesus)* (Documentos para a História da Arte em Portugal ;3). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- HENKES, H. E.; LAAN, C (2000) - Zeventiende- en Achttiende.eeuws “Boheems” glaswerk uit Nederlandse en Vlaamse bodem. *Rotterdam Papers*. Rotterdam. 11, p. 187-207.
- ISINGS, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groeningen-Djakarta: Walters.
- KLEIN, D.; LOYD, W. (1984) - *The History of Glass*. London: Orbis Publishing.
- KLESSE, B.; MAYR, H. (1987) - *European Glass from 1500-1800 – The Ernesto Wolf Collection*. Wien: Kreymayr & Scheriau.
- KOJIC, L.; WENZEL, M (1967) - Medieval glass found in Yugoslavia. *Journal of Glass Studies*. Corning. 9, p. 76-93.
- LAMM, C. J. (1928) - *Das Glas von Samarra*. Berlin: Verlag Dietrich Reimer/Ernst Vohsen.
- LAMM, C. J. (1930) - *Mittelalterliche Gläser und Steinschnitarbeiten aus dem Nahen Osten* (Forschungen zur islamischen Kunst; 5). Berlin: Verlag Dietrich Reimer/Ernst Vohsen.
- LAMARQUE, L. (1973) - The glassware in Tuscany. 1973: Report on six pits. *Papers of the British School at Rome*. London. 28. p. 117-133.
- LAMBERT, N. (1972) - La Seube: témoin de l'art du verre en France méridionale du Bas-empire à la fin du Moyen Âge. *Journal of Glass Studies*. Corning. 14, p. 77-114.
- MARQUES, A. H. de O. (1984) - *História de Portugal desde os Tempos mais antigos até à Presidência do Sr. General Eanes Vol. II* Lisboa: Palas Editores. *Masterpieces of Glass (1968) London: British Museum*.
- MILLER, M. M. (1990) - *Popular Collectables – Glass*. London: Guinness Publishing.
- MOORHOUSE, S. (1971) - Finds from Basing House, Hampshire (c. 1540-1645): Part Two. *Post-Medieval Archaeology*. Leeds. 5, p. 35-76.
- NACHTIGALL, W. [et al.] (1988) - *Glas*. Berlin: Verlag die Wirtschaft.
- NEPOTI, S. (1978) - I vetri dagli scavi nella Torre Civica di Pavia. *Archeologia Medievale*. Firenze. 5, p. 219-238.
- NEWBY, M.S. (2000) - Some comparisons in the form and function of glass from medieval ecclesiastical and domestic sites in central Italy. In *Annales du 14<sup>e</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Lochem: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 258-264.
- OLIVEIRA, A. de (1971-1972) - *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640*. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos da Universidade de Coimbra.
- PINDER-WILSON, R.H.; SCANLON, G.T. (1973) - Glass finds from Fustat: 1964-1971. *Journal of Glass Studies*. Corning. 14. p. 12-30.
- PINTO, C. V. (1993) - *Colchas de Castelo Branco*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Fundo VIP.
- PHILIPPE, J. (1982) - *Histoire et Art du Verre*. Liège: Eugène Whale Éditeur.
- PHILIPPE, J. (1970) - *Le monde byzantin dans l'histoire de la verrerie (V<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> siècle)* Bologna: Casa Editrice Prof. Riccardo Patron.
- RIBEIRO, O. (19875) - *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- RIIS, P. J.; POULSEN, V. (1957) - *Hama. fouilles et recherches, 1931-1938: les verreries et poteries médiévales*. Copenhagen: Nationalmuseet-Fondation Carlsberg.
- SANTOS, R. (1970) - *Oito séculos de arte portuguesa – História e espírito*. Vol. I. Lisboa: E.N.P.
- SCHNEIDER, T. P. P. (1991) - *Tapetes de Arraiolos*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga/Fundo VIP.
- SCHÜTTE, S. (1976) - Mittelalterliches Glas aus Göttingen. *Zeitschrift für Archäologie des Mittelalters*. Köln. 4, p. 101-117.
- SEDLÁČKOVÁ, H. (1988) - *Renaissance glass and other archaeological finds from Nymburk*. Praha: Nakladatelství Vega-L/Vega-L Publishing House.
- SHINDO, Y. (1993) - Islamic marvered glass from al-Tur, South Sinai. In *Annales du 12<sup>ème</sup> Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Lochem: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 297-305.
- VANDENBERGHE, S (1982) - Les verres de l'époque médiévale et post-médiévale découverts au cours de fouilles récentes à Malines (Prov. d'Anvers, Belgique). *Zeitschrift für Archäologie des Mittelalters*. Köln. 10 p. 133-145.
- VÁVRA, J (1954) - *Das Glas und die Jahrtausende*. Praha: Artia.
- WENZEL, M. (1977) - A reconsideration of Bosnian medieval glass. *Journal of Glass Studies*. Corning. 19, p. 63-76.
- WHITCOMB, D. S. (1983) - Islamic Glass from Quseir al-Qadim, Egypt. *Journal of Glass Studies*. Corning. 25, p. 101-108.
- WHITEHOUSE, D. (1983) - Medieval glass in Italy: some recent developments. *Journal of Glass Studies*. Corning. 25, p. 115-120.
- WILLMOTT, H. (2001) - *Early post-medieval vessel glass in England c. 1500-1670*. York: Council of British Archaeology.



